

Entrevista



Secretário da Fazenda Marivalvo espera que a economia esteja estabilizada até o fim do ano. [Página 4](#)

Venda ilegal de peixes ornamentais ameaça espécies em extinção

Pesquisa inédita conduzida pela UFPB aponta que tráfico de animais é realizado em redes sociais e coloca em risco mais de 600 tipos de peixes, que são vendidos por até R\$ 7 mil. [Página 5](#)

Foto: Reprodução



Acari-Zebra está entre as espécies afetadas pela caça e pelo comércio ilegal de peixes ornamentais no Brasil

Diversidade

Meio ambiente: modelo de negócios precisa ser revisto

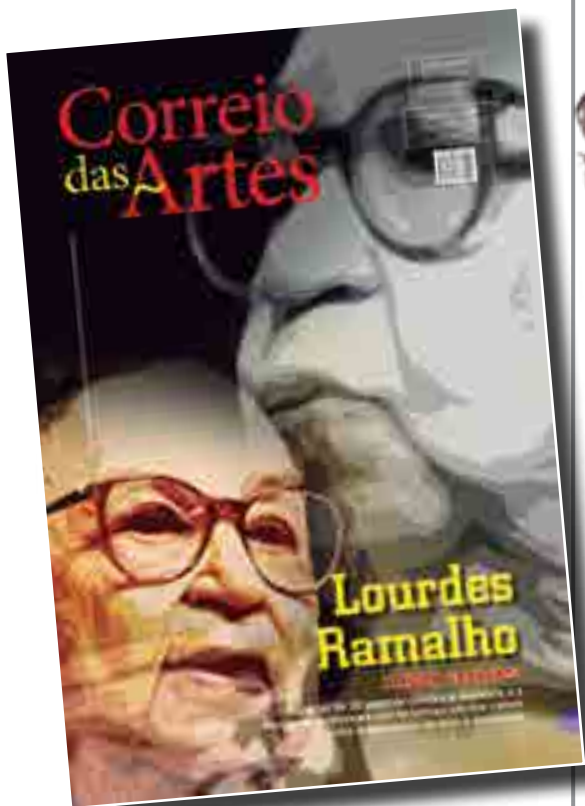
Tripé da sustentabilidade: além da saúde financeira, o empreendedor precisa atentar para a performance ambiental e social da companhia. [Páginas 13 e 14](#)

Geral



Vocação e coragem para ser soldado

A história de militares, das Forças Armadas e Força Policial, que fazem valer o 25 de agosto, Dia do Soldado. [Página 3](#)



Centenário Correio das Artes traz um rico material sobre a vida e obra da dramaturga Lourdes Ramalho.

Almanaque

Conheça a saga do primeiro imigrante japonês no NE

Eije Kumamoto chegou ao Brasil em 1917. Cinco anos depois, desembarcou na Paraíba a convite do coronel José Pereira, onde criou raízes e constituiu família. [Página 17](#)

Cultura



Linduarte Noronha Há 90 anos, nascia o pai do moderno documentário brasileiro. [Página 9](#)



Ilustração: Tônio

Paraíba

GIRO NOS MUNICÍPIOS



Foto: Teresa Duarte

Um oásis no Sertão Lar da Estância Termal Brejo das Freiras, com seus banhos terapêuticos, o município de São João do Rio do Peixe atrai turistas com edificações que datam do século 19. [Página 8](#)

Doar é Salvar

doe sangue
doe plasma

Agende sua doação no whatsapp do Hemocentro (83) 3133-3465
De segunda à sexta-feira das 8h às 16h

Editorial

Não queremos o Macarthismo

Em boa hora, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pôr fim ao interesse do Governo Federal em monitorar servidores que tenham posições políticas diferentes da sua. Em decisão histórica, e por 9 votos a 1, o Supremo suspendeu as apurações instituídas pelo Ministério da Justiça contra 579 servidores identificados como integrantes de movimentos antifascistas.

O Supremo atendeu a uma Ação por Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) impetrada pela Rede Sustentabilidade contra o documento de inteligência elaborado pelo Ministério da Justiça relacionado a opositores.

Apenas o ministro Marco Aurélio Mello votou contra a manifestação da ministra Cármen Lúcia, relatora da ação. Mello entendeu que a ADPF não era o instrumento jurídico adequado para discutir esse tema. Os demais ministros acompanharam Cármen Lúcia.

Os ministros foram unânimes em ressaltar que não cabe ao Estado realizar apurações sobre a vida alheia quer seja de cidadãos, quer seja de servidores. O ministro Luís Roberto Barroso, por exemplo, afirmou que “esse tipo de monitoramento para saber o que fazem eventuais adversários desse grupo antifascista é completamente incompatível com a democracia. Órgãos de inteligência foram largamente utilizados para monitorar adversários políticos, intimidá-los, inclusive com vazamento de informações ou fazendo-os saber que estavam sendo observados quase em tempo integral, não para proteção do Estado, mas para interesses mesquinhos dos governantes”, disse.

Guardião da Constituição, o STF fez o que todos esperavam. Afinal, democracia não rima com censura, com perseguição, com patrulhamento. O Brasil vive hoje um acirramento político sem proporções em sua história depois da redemocratização. Parece até que não saímos do palanque. Opções políticas diferentes passaram a viver como inimigas, como se ainda vivêssemos no tempo do Macarthismo.

Como se sabe, o Macarthismo se refere à prática de acusar alguém de subversão ou de traição. O termo tem suas origens no período da História dos Estados Unidos conhecido como segunda ameaça vermelha, que durou de 1950 a 1957. Durante o Macarthismo, milhares de americanos tornaram-se objetos de agressivas investigações e de inquéritos abertos pelo governo ou por indústrias privadas. O principal alvo das suspeitas foram funcionários públicos, trabalhadores da indústria do entretenimento, educadores e sindicalistas. Não precisamos passar por isso. Definitivamente!

Artigo

Martinho Moreira Franco
nonononon@nonon.com.br

Em homenagem a Getúlio

Amanhã, 24 de agosto, 66 anos da morte de Getúlio Vargas. Entrego o espaço ao jornalista Sebastião Nery para seis historinhas do seu impagável “Folclore Político”:

1) Getúlio nomeou um amigo para trabalhar na alfândega e avisou: “Quando quiserem corromper você, me avise”. Passados alguns meses, recebeu um bilhete: “Presidente Getúlio Vargas, por favor, me demita urgente. Os homens estão chegando ao meu preço”.

2) Duas vezes prefeito de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, padre Olímpio de Melo era o decano dos políticos cariocas. Estava no Catete, palácio que abrigava a antiga sede do governo federal, conversando animadamente com Getúlio. Ao tirar um lenço do bolso fundo de sua batina, caiu no chão um pequeno punhal de prata. O padre ficou encabulado, Getúlio sorriu: “Reverendo, seu rosário caiu”.

3) Em 1945, após o final de seu período ditatorial, quando se viu obrigado a renunciar, sendo substituído por Eurico Gaspar Dutra, Getúlio conseguiu dar a volta por cima e ser eleito presidente pelo voto popular. Um dos militares mais atuantes na conspiração para a derrubada de Getúlio foi o general Newton Cavalcanti. Em 50, Vargas ganha as eleições e o general Newton, como chefe da Casa Militar do presidente Dutra, vai acertar com ele os detalhes da posse. Sentado numa cadeira de balanço, olhos semicerrados, como que a evitar a fumaça do inseparável charuto, Getúlio viu o visitante entrar. Abrindo os olhos com certo esforço

indaga: “Veio me prender, general?”

4) Gustavo Capanema e outros dois políticos conversam com Getúlio durante a crise de 54, a última de seus governos. Capanema pergunta: “O senhor confia nos seus ministros?” “Decerto”, respondeu o presidente. “Mas e se, deflagrada a luta, eles passarem para o outro lado?” E Getúlio: “Ora essa! Eu também passo”.

5) Escritor, diplomata, político, Gilberto Amado aborda Getúlio Vargas:

- Presidente, eu quero ser governador de Sergipe.

- Por quê, Gilberto?

- Por que eu quero. É a hora.

- Mas, Gilberto, tu, um homem tão grande, ser governador de um estado pequeno?

- Eu quero dirigir minha tribo, presidente. Isso é fundamental pra minha vida.

- Ora, Gilberto. Eu te conheço muito bem. Essa não pode ser a verdadeira razão.

- Claro que é, presidente.

- Não pode ser. Governar por governar? Isso não existe para um homem do teu tamanho, da tua grandeza.

- Tem razão, presidente. O senhor quer que eu diga, eu digo. Eu quero ser governador pra roubar, roubar, roubar do primeiro ao último dia!

6) Jânio Quadros, prefeito de São Paulo, foi ao Catete visitar Getúlio. Falou, falou, expôs todos os seus planos administrativos, pediu ajuda ao governo federal e acabou chorando na hora da despedida. Saiu, Getúlio sorriu: “Esse ganhou de mim”.

Veio me prender, general?

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

La bamba

A música La bamba é executada, cantada e dançada em estado de euforia pelos instrumentistas, cantores e dançarinos. Se fosse uma peça erudita, poderia ser classificada como um alegre. Agora, mais do que nunca, o povo de Cuba pode ir às praças e às ruas comemorar sua vitória sobre o atual inimigo nº 1 da humanidade: o Covirus - 19 que acou os países capitalistas, levando-os ao paredón.

Qual a receita de Cuba para liquidar o covid-19? Fazendo a melhor medicina social do mundo. Tendo pelo povo o respeito que o povo merece. Se até fim do ano o Brasil não tiver resolvido seu problema com o covid, vou pensar seriamente em pegar um avião da Cubanas e ir ao país dos irmãos Castro tomar o xarope do Ché. E, se a receita brasileira deixar, trazer a mala abastecida para acudir Dona Encrenca e nossos amigos.

Os aviões da Cubanas estão entre os mais seguros do mundo. Isso se deve à manutenção rigorosa a que são submetidos e aos princípios que orientam a empresa - de bem servir ao povo e aos países onde operam. Quando foi que Vossa

Excelência viu na TV notícia sobre acidente com avião cubano? Cai, pois é mais pesado que o ar, mas é difícil.

La bamba
Para bailar La bamba
Para bailar La bamba se necesita una poca de gracia
Una poca de gracia pa' mi pa' ti y arriba y arriba
Ah y arriba y arriba por ti seré, por ti seré, por ti seré
Yo no soy marinero
Yo no soy marinero, soy capitán,
Soy capitán, soy capitán
Bamba bamba
Para bailar La bamba
Para bailar La bamba se necesita una poca de gracia
Una poca de gracia pa' mi pa' ti ah y arriba y arriba
Para bailar La...

Para bailar La bamba se necessita uma poça de gracia

Mas foi o cantor de rock Ritchie Valens, norte-americano, que emprestou maior divulgação à La bamba, até que morreu em um acidente de avião, o que trouxe mais divulgação à música.

Foto: Divulgação



Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigele Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Orgulho, vocação e coragem na missão de ser um soldado

Independente da patente, seguir a vida militar exige uma série de atributos, sendo o maior deles gostar do que faz

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Honra à pátria, à família e aos valores éticos e de serviço à sociedade. Defender o seu país, seja através das Forças Armadas ou da Polícia Militar, é motivo de orgulho. A missão desses homens e mulheres, que tem seu dia comemorado nesta terça-feira, dia 25 de agosto, está acima das circunstâncias, seja uma guerra, ou mesmo em uma pandemia, onde se arriscam sob o perigo de um vírus mortal e invisível.

Todos os dias pela manhã o coronel da Polícia Militar da Paraíba, Lívio Sérgio Delgado de Carvalho, de 54 anos, não deixa de tomar o seu café e vestir a sua farda. Ele diz não se imaginar sem ela. Para o comandante de policiamento da região metropolitana de João Pessoa ser um soldado não é apenas uma profissão. "Eu penso que a primeira coisa necessária é o desejo de querer ser um policial. Aqueles que escolhem a carreira sem o mínimo de vocação, apenas para querer fazer de trampolim para alcançar outras profissões depois, ele vai ser infeliz", disse.

Ele conta com orgulho dos 30 anos, três meses e 15 dias que exerce a sua vocação. O jovem de 24 anos, que fazia jornalismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi o último a se inscrever no concurso para oficial da PM e

passou em segundo lugar. "Eu já tinha aquela disciplina inculcada pela criação dos meus pais. Mas além da disciplina, aprendi a amar a instituição, a respeitar as leis e as pessoas que a gente trata. Isso a gente vai aprimorando com o tempo e fazemos o policial militar ser um bom policial, um espelho para a família e as pessoas".

O subtenente do Exército Brasileiro, Gilmar Maia Penedo, de 43 anos, também encontrou a sua vocação na vida militar. O jovem que gostava de ver os saltos de paraquedistas no Rio de Janeiro entrou na corporação em 1989: "Na Escola de Sargentos das Armas - (EsSA) começava a conhecer magnitude do nosso glorioso Exército Brasileiro, e os trabalhos por ele realizados nos rincões do nosso amado Brasil".

Durante os seus quase 23 anos de carreira, o oficial serviu nos mais diversos locais do país e até mesmo no Haiti e na Argentina. Ele desenvolveu atributos como: autoconfiança, combatividade, coragem, decisão, equilíbrio emocional, persistência, resistência e rusticidade. "Hoje, tenho a certeza que aquele jovem que um dia olhava para os céus do Rio de Janeiro olhando os paraquedista saltarem, ter o uniforme camuflado é minha segunda pele, sendo impossível de ser retirado, o 'ser soldado' me acompanhará por toda minha vida".



Denilson Alves, cabo do Exército: "Pretendo seguir carreira. É um sonho"



Cabo PM Jackson de Figueiredo: "Quando ingressei, me apaixonei por essa área"



Coronel PM Lívio: "Eu não me imagino sem a minha farda de policial"



Subtenente do Exército Gilmar Penedo: "O 'ser soldado' me acompanhará"

Jovens militares e o sonho de seguir a carreira

O cabo do Exército Brasileiro, Denilson Alves de Sousa, de 26 anos, tinha a opção, ao completar 18 anos, de servir ou não às Forças Armadas. Desde a infância motivado pelo pai, o jovem optou por dedicar um ano da sua vida ao exército. "Para mim é uma grande honra servir a pátria. Muitos tentam, mas não conseguem. Primeiramente eu sempre agradeço a Deus por tudo. Passei por todas as etapas e, para mim, é uma honra servir a pátria e honrar essa bandeira

que eu levo do lado esquerdo do braço", disse.

Após o período de serviço, Denilson teve a oportunidade de ser selecionado entre mais de 100 pessoas para servir por mais oito anos no exército, onde se tornou cabo e pretende permanecer. "Aconteceu uma seleção onde os melhores são selecionados a dedo por várias pessoas, a critério de comportamento militar, desempenho militar, atividade física, durante todo esse ano

que passei servindo, e fui o segundo selecionado para ser engajado, durante o limite máximo que é oito anos. Pretendo seguir carreira militar, é um sonho também".

O soldado da PMPB, de Jackson de Figueiredo Ricardo, de 30 anos, também está no início da sua carreira. Formado em Geografia e coaching motivacional, ele não esconde que não se imagina fazendo outra coisa a não ser exercer a função de policial. "Quando eu ingressei me

apaixonei ainda mais por essa área. Se você ficar na polícia por dinheiro você não suporta, vai desistir. Mas se gostar de ser policial, você suporta as adversidades. A característica principal é gostar do que faz".

Ele conta que pretende levar o aprendizado para todas as áreas da sua vida, inclusive na criação do seu filho, de três anos. "Eu cheguei com todas as características de um civil e acabei aprendendo todas as características da ordem, a disciplina,

o respeito a hierarquia, o controle emocional, preparo físico e mental, temperamento. Em casa eu prezo muito por esses valores e implemento na criação do meu filho".

O Dia do soldado

Em 25 de agosto de 1803 nasceu Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. No dia de seu nascimento, é comemorado o Dia do Soldado, em homenagem pelos seus feitos heroicos.

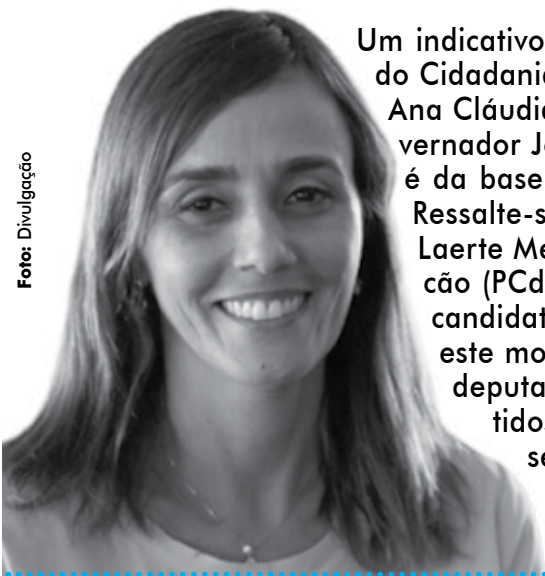
UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

COM A FORÇA DAS ALIANÇAS, PODEMOS COMEÇAR A VITAMINAR A PRÉ-CANDIDATURA DE ANA CLÁUDIA

Um indicativo de apoio ainda não é uma decisão final, mas a opção do diretório do Cidadania de Campina Grande por aprová-lo em favor da pré-candidatura de Ana Cláudia Vital do Rêgo (foto) a prefeita é um indício de que o partido do governador João Azevêdo vai mesmo optar pela composição com o Podemos, que é da base aliada - Avante e PTB já estão integrados a esse arco de alianças. Ressalte-se que, conforme declaração do presidente municipal do Cidadania, Laerte Mello, a outra pré-candidatura da base do governador, a de Inácio Falcão (PCdoB), também foi ouvida dentro desse processo. Porém, a cúpula e os candidatos a vereador da legenda optaram pelo apoio à Ana Cláudia. Com este movimento do Cidadania - já reforçado por igual decisão do Avante do deputado Adriano Galdino -, começa a se delinear como se portarão os partidos da base aliada na eleição na 'Rainha da Borborema'. Nesta próxima semana, deverão ocorrer novas adesões à postulação do Podemos, que tem um cabo eleitoral de peso costurando as articulações nos bastidores: o senador Veneziano Vital do Rêgo (PSB).

Foto: Divulgação



"DEVE SAIR DESSAS FORÇAS"

A Cícero Lucena foi perguntado, numa emissora de TV, sobre o grau de relação das eleições deste ano com as que ocorrerão em 2022, sobretudo no que tange à eleição majoritária, de governador. "O tema 2022 deve ser discutido em 2022, no momento oportuno. É claro que essa discussão deve sair dessas forças [que se aliarem na capital]".

PERSEGUIÇÃO POLÍTICA (1)

O ministro Gilmar Mendes, do STF, - odiado e amado à esquerda e à direita -, em voto no julgamento da ação para barrar os dossiês do Ministério da Justiça contra funcionários públicos, foi cirúrgico ao avaliar que o documento sigiloso do governo serviria à prática de perseguição política aos opositores da gestão Bolsonaro.

PERSEGUIÇÃO POLÍTICA (2)

O voto de Mendes é conclusivo quanto à motivação por trás do ato: "Os dossiês teriam sido produzidos não em virtude do risco ou da atuação preventiva para evitar a ocorrência de eventuais atos terroristas, mas em virtude do exercício da liberdade de crítica das pessoas monitoradas, o que é incompatível com o regime de proteção às liberdades, constitucionalmente estabelecido".

O PREÇO DE UMA ESCOLHA

O empenho desmedido do prefeito Luciano Cartaxo (PV) para bancar a pré-candidatura de Edilma Freire a prefeita de João Pessoa teve um preço que apenas adiante será possível valorar: De uma tacada só, ele perdeu cinco partidos da base: PP, PSDB, Solidariedade, PRTB e PSC. E os quatro primeiros não só romperam: lançaram pré-candidatos.

PRODUZINDO OPOSITORES

Ao romper com o PP, PSDB, Solidariedade, PRTB e PSC, Cartaxo gerou algo inimaginável de se fazer em ano eleitoral: aumentou e muito o seu leque de opositores, todos os ex-aliados batem sem dó na gestão. O recorrente discurso do prefeito quanto à sua prática de dialogar com aliados, de algum modo, não se sustentou.

"VEREADORES DO AVANTE VÃO VOTAR EM CÍCERO, GARANTE FELIPE LEITÃO

Do presidente do Avante de João Pessoa, deputado Felipe Leitão, dirigindo-se a jornalistas que o abordaram acerca da ausência de vereadores do partido no anúncio de apoio a Cícero Lucena (PP). "Anotem e aguardem: os vereadores do Avante vão votar em Cícero Lucena. Procurem Raissa Lacerda e os outros vereadores e perguntem em quem eles vão votar".

Marialvo Laureano dos Santos

Secretário de Estado da Fazenda

“Nossa prioridade é o ser humano, é salvar vidas”

Expectativa do gestor é que a economia se estabilize até o final do ano sem, no entanto, esquecer o cumprimento dos protocolos em cada segmento

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A pandemia do novo coronavírus não afetou apenas a esfera da saúde no mundo inteiro. Com o fechamento temporário de diversos setores que movimentam a economia do planeta, a arrecadação de recursos públicos acabou sendo fortemente abalada. No Brasil, estados e municípios sentiram o impacto e precisaram contar com o um auxílio financeiro do Governo Federal. O complemento veio ajudar a suprir o ‘rombo’ deixado pela parada forçada do comércio e serviços, áreas que precisarão de um tempo para a recuperação.

Mas, se por um lado, os prejuízos deixaram marcas, a Paraíba conseguiu ‘respirar’ em meio ao caos e, mesmo com todas as adversidades, se manteve estável economicamente, conquistando uma boa colocação – o ‘rating B’ – na avaliação do Tesouro Nacional. O ranking, divulgado no último dia 7, analisa o equilíbrio

financeiro e a capacidade de pagamento dos estados. Para o secretário da Fazenda da Paraíba, Marialvo Laureano dos Santos, a posição comprova o equilíbrio financeiro do Estado e aumenta a esperança de que a economia se manterá positiva.

A expectativa até o final do ano é de que as finanças permaneçam estáveis, o que garante, inclusive, o pagamento do funcionalismo em dia. Já para 2021, a intenção é prosseguir com uma gestão fiscal segura, confirmando recursos para manter a qualidade de vida do cidadão paraibano.



Foto: Evandro Pereira

A entrevista

A Paraíba manteve a nota B do ranking do Banco Central para os estados. O que isso significa? É uma demonstração de equilíbrio financeiro?

■ A Paraíba manteve o ‘rating B’ na avaliação da Secretaria do Tesouro Nacional. Isso demonstra o total equilíbrio da gestão fiscal do nosso governo, o governo João Azevêdo. Demonstra também o esforço que tem sido feito para manter o Estado equilibrado, para manter as finanças em dia e manter, inclusive, o servidor público com pagamentos em dia. Essa é a gestão do nosso governador João Azevêdo.

Mesmo com todas as dificuldades, o Estado conseguiu manter, inclusive, a antecipação de parcela do 13º salário. Uma parte recebeu em junho e outra está recebendo agora em agosto. Como foi possível cumprir esse compromisso?

■ A prioridade do nosso governo é o ser humano, salvar vidas, em especial agora durante a pandemia. Em primeiro lugar, estão a saúde, assistência social, a segurança e também a questão do pagamento da folha em dia, tanto dos ativos como dos aposentados. Além disso, como é uma tradição adiantar 50% da gratificação natalina – porque, pela legislação, é para ser paga até o dia 20 de dezembro – nós pagamos em junho os 50% da gratificação natalina de todos os inativos, aposentados, pensionistas, reformados da Polícia Militar, porque sabemos que a maioria dessas pessoas faz parte do grupo de risco. Então, o governador fez um esforço e fez questão de adiantar metade da gratificação natalina para essas categorias. Na sexta-feira passada, dia 14, receberam todos os ativos. É mais um esforço, um respeito que o nosso governo tem para com o servidor público.

Como a Paraíba conseguiu deixar as contas em dia e enfrentar a pandemia, que exige uma série de investimentos?

■ Exatamente pela gestão fiscal que temos. Agora, nós temos que reconhecer que a Lei Complementar 173, que definiu um auxílio financeiro para os estados, ajuda, está ajudando e ajudou muito. São quatro parcelas, de junho a setembro. O auxílio veio numa boa hora. É importante ressaltar que esse auxílio foi gerado dentro do Congresso Nacional pela pressão das bancadas federais e dos

governadores. O Governo Federal não queria, mas a bancada e os governadores conseguiram, por pressão, aprovar esse auxílio que realmente está ajudando muito a todos os estados e municípios a deixarem suas contas equilibradas.

A Secretaria da Fazenda não é a pasta que responde pelo orçamento, mas é a responsável por liberar recursos para as obras. Qual a importância do Orçamento Democrático para o direcionamento dos recursos do governo para onde a população quer?

■ O Orçamento Democrático é uma peça fundamental nessa integração governo-sociedade, governo e o povo, onde a sociedade, o povo, o cidadão direcionam a aplicação dos recursos. É muito importante para o governo ter conhecimento das demandas da sociedade, daquela região, do município, as demandas do próprio cidadão, o que o governo pode fazer para melhorar a qualidade de vida do cidadão. Então, é essa interação, dentro do Orçamento Democrático, que o governo tem o conhecimento das principais demandas da sociedade.

Dessa forma, o Orçamento Democrático é o que existe de mais democrático no nosso governo, escutar a sociedade e tentar atendê-la para, inclusive, amenizar, digamos assim, sua demanda.

Quais os impactos da queda de entrada de receita?

■ A queda de receita foi bem impactante na Paraíba. No mês de abril, foi de quase 16% e no mês de maio foi de quase 30%. Nós vínhamos, no início do ano, janeiro, fevereiro, com um bom resultado de receita. Em março, realmente, já caiu por conta do início da pandemia, mas ainda foi positivo, na ordem de 2% a 3%. Tivemos duas quedas impactantes em abril e maio. A partir de junho, a queda foi menor, entre 5% e 6%, e em julho foi de 4%. Vamos esperar agora o resultado de agosto.

Como está a economia nesse momento e o que se espera para os próximos meses, considerando que a pandemia não

acaba de uma hora para outra?

■ Na verdade, a economia está voltando a girar. A gente espera que até o final do ano a economia se estabilize nesse novo normal, ressaltando que, como estamos na bandeira amarela, a economia voltou a girar, mas precisamos redobrar os nossos cuidados com o ser humano, tentando manter o máximo de isolamento, fazendo o asseio necessário, sempre estar lavando as mãos, sempre usar o álcool em gel a 70%. Em primeiro lugar, está a saúde do cidadão. Devem ser cumpridos os protocolos determinados por cada segmento da economia, seja na questão do transporte, do comércio, da indústria, todos devemos cumprir os protocolos para mitigar o contágio do coronavírus. Vamos juntos vencer essa batalha e esperar a vacinação que, se Deus quiser, até o início do próximo ano, a gente estará sendo vacinado.

Como o Governo Estadual está enfrentando a redução dos repasses do Governo Federal?

■ Não houve redução de repasse porque o Governo Federal, nos meses de março a junho, através da medida provisória 938, foi aprovada também pelo Congresso

essa complementação das transferências federais, em especial do Fundo de Participação do Estado (FPE). Então, nesse período que se passou, de março a junho, e a complementação veio no mês seguinte, de abril a julho. Nós recebemos, sim, a complementação do FPE, isso em relação ao ano de 2019. O que caiu em 2020, com relação a 2019, nós recebemos esse auxílio. Estamos aguardando porque o auxílio foi até junho, com a parcela recebida em julho, mas no Congresso Nacional, mais uma vez as bancadas federais aprovaram uma complementação ainda que deve durar talvez até agosto e setembro.

Qual o montante dessa complementação?

■ É exatamente o saldo que restou dos R\$ 16 bilhões aprovados na Medida Provisória inicial. Foi feita a complementação dos quatro meses e, mesmo assim, teve um saldo desses R\$ 16 bilhões para o FPE e FPM (Fundo de Participação dos Municípios) de todos

os estados e todos os municípios do Brasil. Portanto, quando da transformação da MP em lei, o Congresso colocou que do saldo de R\$ 6 bilhões, mais ou menos, ficam R\$ 2,8 bilhões para os estados e os recursos devem ser suficientes, no máximo, até setembro. A gente está esperando a sanção do presidente para receber essa complementação federal nos meses de julho, agosto e talvez setembro, se o dinheiro der até lá.

Qual o peso da diminuição dos impostos para a Paraíba?

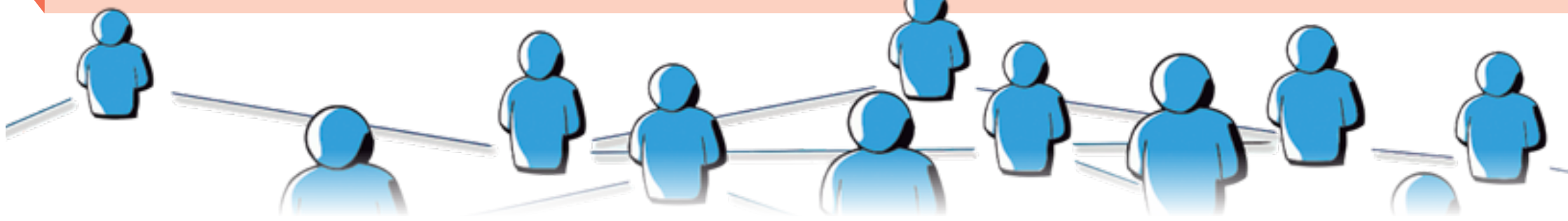
■ A receita própria do Estado representa na faixa de 55% de toda sua receita, que são praticamente os tributos, os impostos, e 45% das transferências. Isso numa situação normal. Então, pesa muito. Nós tivemos uma queda, em abril, de aproximadamente 16% e, em maio, cerca de 30%. Essa queda está diminuindo, o que quer dizer que a economia está voltando a girar. E agora em julho, a última queda foi de 4,31%. Para amenizar essas quedas, foi exatamente a Lei Complementar 173 que veio exatamente para atenuar as perdas da receita própria de todos os estados.

Em relação ao futuro, quais as expectativas até o final do ano e quais as perspectivas para 2021?

■ Até o final do ano, nós acreditamos que vamos conseguir manter a estabilidade financeira, manter a gestão fiscal regular, isto é, continuaremos pagando todas as despesas e o funcionalismo em dia. É isso que nós esperamos. A expectativa para 2021, é com o pé no chão, mas nós, como cristãos, sempre temos uma expectativa boa, sempre temos a esperança de que seja um ano melhor. Então, esperamos que a economia volte a girar e que a gente possa ter um ano de normalidade, principalmente com saúde. Vamos começar o ano, se Deus quiser, com o pé direito, com uma vacina e todo brasileiro, todo paraibano sendo vacinado. Que a gente possa voltar a ter um novo normal, mas voltar a ter uma certa tranquilidade no próximo ano. Esperamos que a Paraíba continue com uma gestão fiscal segura, firme, regular e que os recursos possam atender as demandas da sociedade e que possamos prover o nosso governo de recursos para melhorar a qualidade de vida do paraibano.



Foto: Teresa Duarte



Redes sociais são usadas para venda ilegal de peixes

Pesquisa da UFPB aponta que internautas atuam no comércio predatório de espécies ameaçadas de extinção

Dina Melo
dinapereiramelo@gmail.com

Uma pesquisa inédita realizada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) revelou que a rede social mais acessada do mundo é uma ampla vitrine para o tráfico ilegal de peixes ornamentais ameaçados de extinção. O estudo, desenvolvido entre 2018 e 2020 pela mestre em Ciências Biológicas Anna Karolina Borges, sob orientação dos professores Rômulo Nóbrega e Tacyana Ribeiro, estimou que 1,1 mil anúncios usaram grupos do Facebook como mercado virtual para movimentar este tipo de crime.

Achar anúncios de peixes (ou pássaros, répteis, mamíferos silvestres) na rede não é coisa da deep web: em poucos cliques, é possível entrar em grupos, conversar com o vendedor e acertar o pagamento. Tudo acontece às claras e sem demora.

A União entrou em contato com vendedores em grupos de troca e venda de espécies ornamentais e acessórios para aquários para negociar a transação de um exemplar de jacundá (*Crenicichla cyclostoma*), habitante carnívoro de rio ameaçada. O preço: R\$ 60, mais o frete viário – barato, dado o pequeno porte e ainda disponibilidade na natureza. Já um axolote black, anfíbio praticamente extinto no México, cuja criação é permitida em cativeiro sob controle, mas



Foto: Reprodução Facebook

Anúncio em rede social do Axolote Black, uma das espécies mais procuradas na rede de tráfico de peixes



Foto: WhatsApp

Conversa registrada pela reportagem, através de aplicativo, com um dos vendedores que anunciam no Facebook

tem venda proibida, sai a R\$ 180 (preço promocional) acrescidos de R\$ 123 a postagem aérea (ou R\$ 86 por Sedex).

O tráfico de animais silvestres é o terceiro maior comércio ilegal do mundo, perdendo apenas para o de armas e drogas. É difícil estimar a extensão deste mercado, já

que tudo se opera na clandestinidade, mas a Amazônia está no epicentro de todos os olhares.

Calcula-se que, por ano, cerca de 38 milhões de animais são afetados pela caça e comércio ilegal no país, e as tartarugas e peixes ornamentais encabeçam este ranking. Os dados são do relatório

que analisou o tráfico de animais silvestres no Brasil entre 2012 e 2019, produzido pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), em conjunto com as ONGs internacionais Traffic e União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN).

Foto: Reprodução Facebook



Foto: Agência Brasil



Cerca de 38 milhões de animais são afetados pela caça e comércio ilegal no país, e as tartarugas e peixes ornamentais encabeçam este ranking. Entre eles estão o Acari-Zebra (E) e o Jacundá (acima)

Leilão: quanto mais raros, mais caros

Como peças de leilão, quanto mais raras, proibidas, maiores e mais exóticas, mais caras se tornam, segundo Borges, que delineou o perfil do típico colecionador brasileiro com base em mais de 900 questionários aplicados na sua dissertação, cuja parte aguarda publicação numa revista internacional. "Havia animais avaliados em até R\$ 7 mil. Quando aquaristas adquirem uma espécie filhote e não sabem o que fazer quando ele chega à fase de maturidade (atingindo

um tamanho jumbo), acabam soltando-o em outro ambiente diverso do original – o peixe torna-se, assim, um potencial invasor à fauna daquele ambiente", aponta.

Comércio predador

Algumas das espécies anunciadas sob risco grave de extinção eram o cascudo-zebra, o pirarucu e o cavalo-marinho. O comércio é uma das principais ameaças à conservação de animais no mundo inteiro, e a

internet só dificulta o trabalho de fiscalização, ao passo em que faz as pessoas agirem anonimamente, como se à margem da lei. Hoje, a legislação que regulamenta a captura e o comércio de peixes para fins ornamentais no Brasil está mais elástica (e confusa) graças a uma instrução normativa publicada em abril pela Secretaria de Aquicultura e Pesca.

O texto condiciona a liberação da captura para fins ornamentais e de aquariofilia a "atualizações pelo sítio eletrônico da

Secretaria de Aquicultura e Pesca do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento", o que, na prática, pode mudar de um dia para o outro.

"É preciso atualizar a estrutura legislativa que regulamenta a exploração desses animais, incluindo diretrizes que abranjam a dinâmica do comércio através de redes sociais e a educação dos consumidores sobre os riscos que o comércio realizado de forma ilegal representa para a conservação", defende.

Tipos anunciados

Anna Karolina calculou 609 espécies diferentes publicadas para venda no Facebook. Sessenta e três por cento eram de água doce e 37% provenientes do mar. Além disso, 66% das espécies anunciadas não eram nativas do Brasil (exóticas) e quase um quarto (141) estava proibida de ser vendida, de acordo com a legislação vigente no período de amostragem. A maioria do comércio tinha origem na região Sudeste do país (83%), dividida principalmente entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. "Em 94% dos posts, os compradores deveriam retirar os animais diretamente com o vendedor, mas em 6% deles, o envio era prometido pelos Correios, prática também proibida".

Em nota, a assessoria de comunicação dos Correios informou que trabalha em parceria com os órgãos de segurança pública para prevenir o tráfico por serviço postal e que, quando algum objeto suspeito, proibido e/ou ilícito é detectado, acionam os órgãos competentes. No caso de animais, após a verificação por raio x, o objeto é retido e o Ibama acionado para fazer a apreensão.

Multa

O chefe da Divisão Técnico-Ambiental do Ibama na Paraíba, Geandro Guerreiro Pantoja, alega que, até agora, nenhum peixe foi apreendido pelo órgão aqui. Ele diz que a multa pode variar de R\$ 700 a R\$ 100 mil, a depender da gravidade. Um entrave severo para a fiscalização, Anna cita, é a própria natureza do comércio online: "Nas lojas físicas, os órgãos de proteção requerem certificação de origem e concedem autorizações; no ambiente virtual a situação se limita a uma postagem e fica muito difícil fazer esse rastreamento", compara. Como este tipo de comércio ilegal vai de encontro às diretrizes do Facebook, ela pretende remeter o relatório para a gigante de relacionamentos, bem como ao Ibama.

Foto: Agência Brasil



Pirarucu, peixe típico de água doce, é alvo dos comerciantes ilegais



Pandemia tem estimulado a criatividade de muita gente

Além de ajudar a ocupar o tempo, a descoberta de novas habilidades mantém o corpo e a mente saudáveis

Nilber Lucena
Especial para A União

A pandemia da covid-19 levou ao isolamento social. Para os que estão há mais de cinco meses em casa é comum que o estresse e a sensação de tristeza aflore neste momento atípico. Mas para driblar essa situação, muitas pessoas estão buscando caminhos e aprendendo e colocando em prática novas habilidades para ocupar o tempo e até ganhar uma renda extra.

Larissa Machado Nóbrega, estudante de Relações Públicas, é um bom exemplo disso. Ela conta que após o início da pandemia passou a se dedicar aos trabalhos manuais e vem dando chance a seu lado de bordadeira. “Eu comecei o bordado livre em 2017, mas com o tempo fui deixando de lado, por muitos motivos. Voltei a produzir durante a quarentena, quando vi a necessidade de ocupar o meu tempo de forma mais saudável”, contou.

Ela afirma que o trabalho com as linhas tem lhe ajudado em vários aspectos como a manter-se concentrada e até na autoestima. “O bordado exige muita determinação, e com isso me ajudou a trabalhar mais o foco e a concentração. Além de melhorar a minha autoestima, sempre que conseguia alcançar uma meta”.

A estudante completa dizendo que os bordados chamaram a atenção de muita gente e o que começou para ocupar o tempo livre, vai virar uma fonte de renda. “Percebi que a minha arte agradou algumas pessoas e isso me motivou a abrir uma lojinha. Está

quase tudo pronto, pretendo começar a divulgar e vender meus bordados ainda neste mês”, disse.

Elizabeth de Lourdes Espinola, funcionária pública e estudante de Design de Interiores, conta que sempre foi muito proativa e gosta de realizar trabalhos manuais. Mesmo com a vida agitada, sempre consegue tempo pra fazer o que gosta. “Eu tenho 52 anos e sou uma pessoa que vê uma coisa e diz: vou fazer”, explicou. Fazia e faz. Com o começo da pandemia, ela passou a usar a visibilidade que tem nas redes sociais para ajudar outras pessoas. “Comecei a fazer vídeos autoexplicativos de como fazer uma torta, uma massa de pão. E também como fazer capa de sousplat, guardanapos.

Ela destaca que nos vídeos que grava sempre ressalta que não é profissional em nenhuma dessas áreas mas que, assim como ela, outras pessoas também podem aprender e fazer. Com um tempo, as peças de artesanato criadas pela funcionária pública logo estavam sendo encomendadas.

Elizabeth acrescentou que um de seus sonhos que ainda pretende realizar é ter um espaço para suas demandas de artesanato. “Já falei há muito tempo lá em casa que quero fazer um cantinho das artes, para fazer meu artesanato e também ajudar as pessoas que querem aprender o que eu faço. Com muita humildade eu falo que não sou especialista em nada, mas o que eu sei, eu quero ensinar também e nunca vou parar de trabalhar com artesanato, é uma paixão”, afirmou.



Com tempo de sobra, a estudante Larissa Nóbrega tem focado mais em seus bordados e abrirá uma pequena loja para divulgar e vender seus trabalhos



Fotos: Arquivo Pessoal

+ Marcenaria trouxe mais qualidade de vida

Outro exemplo de que a quarentena pode ser produtiva é o do jornalista José Carlos dos Anjos Wallach. Com o início do isolamento, ele pode dedicar mais tempo à marcenaria. “Eu já tinha uma admiração pela marcenaria. Sempre achei bacana a possibilidade de criar”, falou.

O jornalista conta que começou fazendo as peças para o uso

pessoal, mas logo as peças produzidas por ele foram conquistando as pessoas e as encomendas começaram a surgir. “Comecei fazendo para mim, mas expus nas redes sociais e as pessoas começaram a gostar e encomendar algumas peças”. Antes da pandemia, José Carlos passava a maior parte em seu ambiente de trabalho. Agora, com tempo

mais livre, ele encontrou na marcenaria uma forma de viver este momento de forma saudável e com melhor qualidade de vida.

“Atividade me dá prazer. É algo fundamental em qualquer trabalho. Me divirto, curto quando as pessoas elogiam e ainda tenho a possibilidade de ganhar uma graninha. E isso na minha casa é um paraíso”, destacou.

Foto: Arquivo Pessoal



Unindo o prazer da criação, bem-estar e a geração de renda, o jornalista José Carlos dos Anjos está se dedicando à prática da marcenaria



Foto: Arquivo Pessoal

A funcionária pública Elizabeth Espinola ensina através das mídias sociais

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADO

O Instituto de Polícia Científica do Estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina Odontológica Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa-PB, um corpo de pessoa não reclamada identificada como sendo do nacional Walter Gaudêncio Cavalcante, registrado sob o número: 03010104202002422, NIC 2018-5113, sexo, masculino, com idade aproximada de 68 anos, cor pardo clara, cabelos lisos e grisalhos, estatura 165cm, constituição física boa, sem sinais particulares; Falecido em via pública no bairro dos Bancários, nesta Capital. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio S/N, bairro do Cristo Redentor da cidade de João Pessoa-PB.

João Pessoa, 24 de agosto de 2020.

Psicóloga fala sobre prazer de produzir

A psicóloga clínica humanista, Carla Suânne, fala como desenvolver novas habilidades auxilia na sensação

de bem-estar. “Certamente aprender algo novo gera prazer e sensação de produtividade. Um impacto significativo no bem-estar global do indivíduo. Ou seja, além de demonstrar uma estrutura de funcionamento pleno, os sentimentos gerados reforçam esse funcionamento”, falou.

Carla Suânne explica que é bom tirar de toda essa crise algo positivo. Mas alerta para a positividade tóxica. “Porém,

todo ser humano possui capacidade de adaptação às circunstâncias, algumas mais, outras menos. Podemos falar ainda de resiliência, um importante recurso, que corresponde à capacidade de lidar positivamente com a adversidade. Lembrando que a ideia não é pensar em uma positividade tóxica. Mas evidenciar a capacidade do ser humano de ressignificar e lidar com sua vulnerabilidade e transpor as

dificuldades.”

A profissional acrescenta que, em seu consultório, tem incentivado as pessoas a aprenderem algo novo durante a pandemia. Nesse período, afirma, muitos aprenderam a cozinhar, a andar de patins e que várias pessoas estão tendo a oportunidade de fazer o que sempre gostariam de fazer mas só agora estão propensas a colocar seus talentos na prática.

LEILÃO DE ÁREA RURAL - CONDE/PB
1º Leilão: 17/09/2020 às 11h00 | 2º Leilão: 22/09/2020 às 11h00

bradesco **ZUKERMAN**

Leilão de Alienação Fiduciária - Fabio Zukerman, Leiloeiro Oficial inscrito na JUCESP sob nº 719, faz saber, através do presente Edital, que devidamente autorizado pela Bradesco Administradora de Consórcios Ltda, inscrita no CNPJ sob nº 52.568.821/0001-22, promoverá a venda em Leilão (1º ou 2º) do imóvel abaixo descrito, nas datas e hora infratadas, na forma da Lei 9.514/97. Localização do imóvel: Conde-PB. Área rural c/ 1,87 hectares, situada na Rodovia PB-018, s/nº, distante 2,5 km da sede do município, desmembrada em menor porção da Granja São Lucas, localizada na propriedade denominada Pittuassú. Coordenadas geográficas: 7º16'11.1" S e 34º53'45.1" W. Cadastro no Incra sob nº 999.954.198.161-6 - NIRF nº 6.144.659-6. Matr. 5.957 do RI local. Obs.: Ocupada. (AF). 1º Leilão: 17/09/2020, às 11:00 h. Lance mínimo: R\$ 324.414,72. 2º Leilão: 22/09/2020, às 11:00 h. Lance mínimo: R\$ 146.600,00 (caso não seja arrematado no 1º leilão). Obs.: Os leilões serão realizados exclusivamente pela Internet, através do site www.zukerman.com.br. Condição de pagamento: à vista, mais comissão de 5% ao Leiloeiro. Da participação on-line: O interessado deverá efetuar o cadastramento prévio perante o Leiloeiro, com até 1 hora de antecedência ao evento. O Fidejussante será comunicado das datas, horários e local de realização dos leilões, para no caso de interesse, exercer o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da Lei 9.514/97, incluído pela Lei 13.465 de 11/07/2017.

Mais informações: 3003-0677 | Os interessados devem consultar o edital completo disponível nos sites: BANCO.BRADESCO/LEILOES | www.ZUKERMAN.com.br

Mulheres estão no comando de 48% dos lares no Estado

Ainda assim, segundo pesquisa do IBGE, elas têm rendimento médio mensal 23,5% inferior ao dos homens

Laura Luna
npo nopr po onpr nopr

Com quantos dados se faz uma sociedade desigual em relação ao gênero? Na Paraíba quase metade dos domicílios são chefiados por mulheres, que além de trabalhar fora se dedicam mais às atividades domésticas e mesmo mais qualificadas profissionalmente, enfrentam um mercado de trabalho que privilegia o sexo masculino, desvalorizando a mão de obra e gerando rendimento médio mensal inferior ao do sexo oposto. Trabalho em excesso, pouco reconhecimento e uma rotina que sugere outro questionamento: a sociedade está preparada para essa liderança?

Erivânia Felinto tem 41 anos, é viúva, mãe de três filhas e trabalha como empregada doméstica. A rotina é puxada e sempre foi assim, mesmo quando o marido ainda era vivo. "Ele gostava de beber e vivia fora de casa. Mal ajudava nas despesas", lembra. As filhas, hoje com 18, 20 e 22 anos, foram criadas graças ao esforço da mãe que trabalha desde os 18 anos e nunca permitiu que faltasse o alimento dentro de casa. "Não pude estudar. Trabalho desde que tive a minha primeira filha. Fui gari, auxiliar de produção em uma fábrica e hoje trabalho em casa de família". E quando chega em casa, mais

“Por mais que meu marido trabalhe, o dinheiro dele vem pra mim, porque eu controlo as finanças. Sou bastante controladora nesse sentido”

demanda. Até ir para a cama, por volta de 1h, a entrevistada ainda faz muita coisa. "Vou pegar minha filha no trabalho, faço janta, arrumo casa. Sim e eu sou doadora de sangue, viúv?", afirma com orgulho de quem, em meio à tanta correria, ainda consegue ajudar o próximo.

Já Valéria Melo, 32, é casada há 4 anos, tem uma filha de 15, é administradora de empresas e estudante de enfermagem. Teria jornada tripla se o marido não assumisse as tarefas domésticas. "Trabalho na empresa de segunda à sexta das 7h30 às 17h e de lá vou para o curso onde fico até as 22h". Quando chega em casa o marido, que é autônomo e trabalha com mídias digitais, já tem organizado tudo. "Só no final de semana que nós dois fazemos a faxina e o almoço que é congelado pra semana toda". É com o salário de Valéria que a maior parte das



Fotos: Arquivo pessoal
Ervânia Felinto (E), com as três filhas, e Valéria Melo (acima) estão dentro das estatísticas que apontam as mulheres no comando da casa e como provedoras financeiras da família

despesas da casa é paga, uma realidade que tem se tornando cada vez mais comum.

"Por mais que meu marido trabalhe, o dinheiro dele vem pra mim, porque eu controlo as finanças. Sou bastante controladora nesse sentido", disse. Valéria também sabe que em uma sociedade onde o machismo ainda tem espaço significativo, a parceria nas atividades domésticas não é encarada com a normalidade que deveria. "Por mais

que eu tenha passado grande parte da vida por mim mesma, com a ajuda dele me sinto menos sobrecarregada, e isso nesses tempos é privilégio".

Erivânia e Valéria têm perfis diferentes mas em comum está o fato de serem "chefes" da casa. Na Paraíba, o protagonismo das mulheres na família cresceu consideravelmente nos últimos anos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-Contínua),

do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

Os dados indicam que 48% dos mais de 1,3 milhão de domicílios no Estado são "chefiados" por mulheres que também têm participado de forma mais acentuada no sustento da casa. Lugares hoje ocupados graças à força, insistência e coragem de mulheres que precisaram ir à luta e que sofrem as consequências de uma sociedade que não avança no mesmo

ritmo resultando em um acúmulo cansativo de funções. E há de se considerar mais um agravante: a diferença salarial. Na Paraíba, segundo o IBGE, as mulheres têm rendimento médio mensal 23,5% menor do que o dos trabalhadores do sexo masculino, segundo dados da PNAD de 2015. A pesquisa leva em consideração a diferença na remuneração por hora trabalhada e a quantidade de horas trabalhadas.



Foto: Joaquim Neto



Sandra Raquew:
"Quando o poder público se ausenta da responsabilidade, ele pune as mulheres"

Reconfiguração social é necessária

Para a doutora em sociologia e pesquisadora na área de estudos de gênero e mídia Sandra Raquew Azevêdo, quando parte para o mercado de trabalho, a mulher se depara com uma realidade assimétrica, que precisa ser mudada. "Há um reconhecimento por parte da sociedade, mas por outro lado, há um total contraditório que não dispõe a estrutura necessária. Quanto menos comprometido é o Estado, mais difícil é para as mulheres", analisa.

A especialista destaca a necessidade de uma reconfiguração social para que essa sobrecarga seja aliviada. "É necessário visitar um sistema de redistribuição com mudanças de valores sociais e culturais. O próprio Estado precisa se reformular no sentido de agir para que funcione de forma

igualitária para os sujeitos."

É mais que reconhecimento, é preciso entender, respeitar e suprir necessidades que as mulheres, mesmo com todas as conquistas, ainda enfrentam em pleno século 21.

Dilemas que em tempos de pandemia foram acentuados, momento destacado por Sandra Raquew: "Na pandemia, por exemplo, as mulheres precisam trabalhar e tomar conta dos filhos, quando muitas vezes os esposos estão em casa sem trabalhar e sem cuidar dos filhos. E quando o Estado (e aqui nos referimos às políticas públicas) se ausenta da responsabilidade, a exemplo da saúde e da educação, ele pune as mulheres. Imagine uma mãe que deixa um filho em casa porque não tem vaga na creche e ela precisa trabalhar?", questiona.

Questão de gênero ainda é desafio

Sobre o perfil dessa mulher que assume o comando da casa e da família, a feminista e doutoranda em sociologia Wilka Barbosa, que estuda mulheres idosas, afirma que entre esse público específico tem ocorrido um aumento em relação à liderança da casa. Os motivos mais comuns: a viuvez e o divórcio.

"Esse contexto acaba exigindo que um novo papel seja desempenhado por essas mulheres, mesmo que sem as melhores condições financeiras para isso. Já entre as mulheres de 20 a 30 anos esse número cai bastante porque a maioria está na casa dos pais, casada ou ainda sendo mães, não tendo muitas oportunidades de ingressar no mercado de trabalho". A pesquisadora acrescenta

que não se pode generalizar um comportamento a partir do gênero. "Mas é isso que vemos com frequência".

Sobre o mercado de trabalho mais um dado desfavorável à mulher. "Hoje em dia não é tão difícil uma mulher chegar a um cargo alto de poder, se ela for solteira e não tiver filho. Mas, quando a questão é maternidade, suas oportunidades caem drasticamente. Enquanto as mulheres não forem incluídas nos espaços sociais levando em consideração suas particularidades e pluralidades não iremos conquistar a equidade de gênero, logo, dificilmente ganharemos a mesma coisa ou até mais que os homens, se assim for necessário", completa a entrevistada.

“Hoje em dia não é tão difícil uma mulher chegar a um cargo alto de poder, se ela for solteira e não tiver filho. Mas quando a questão é maternidade, suas oportunidades caem drasticamente”

Wilka Barbosa, doutoranda em Sociologia, defende a equidade para atingir direitos justos



Foto: Arquivo pessoal



Município já foi chamado de Antenor Navarro e a economia local concentra-se em torno do comércio de confecções e vestuário, da agricultura familiar e da pecuária; calendário de eventos conta com festas tradicionais que reúnem os são-joanenses

São João do Rio do Peixe e os encantos do Sertão da PB

Entre prédios históricos e banhos terapêuticos, município investe na simplicidade e receptividade sertaneja

Teresa Duarte
teresaduarte2@hotmail.com

Partindo para o Sertão, o destino é o município de São João do Rio do Peixe, que fica a 342 quilômetros de Campina Grande e a 464 quilômetros de João Pessoa. Entre 1932 e 1989, o município recebeu o nome de Antenor Navarro, mas, com a promulgação da nova Constituição da Paraíba (1989), a cidade retomou o primeiro nome, São João do Rio do Peixe.

A terra dos são-joanenses tem como destaque na economia local o comércio de confecções e vestuário, a agricultura familiar e a pecuária. Entre as principais comemorações estão a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, o Carnaval e o Natal. A cidade ainda preserva edificações no seu Centro Histórico, tendo como atrações turísticas a bela edificação da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, construída em 1863 e da Praça Central que é muito bem arborizada.

Mas o grande atrativo turístico de São João do Rio do Peixe é o Hotel Estância Termal de Brejo das Freiras, que conta com banhos terapêuticos. As águas com temperatura de 37 graus, oriundas de duas fontes que abastecem o hotel, são consideradas milagrosas e de efeitos medicinais e os banhos terapêuticos são feitos com duchas e em banheiras de hidromassagens.

As águas com temperatura de 37 graus, oriundas de duas fontes que abastecem o hotel, são utilizadas para efeitos medicinais

+ Cidade preza pelo aconchego e acolhida

Fotos: Teresa Duarte

Quem é paraibano sempre recorda momentos da sua infância nesse belo complexo turístico, que é o Hotel Estância Termal, cuja construção foi realizada num período de seis meses, sendo inaugurado no dia 27 de maio 1944. O lugar ainda preserva a linda capela de Nossa Senhora das Neves, que foi construída por iniciativa dos hóspedes e inaugurada em 24 de julho de 1948, cuja placa permanece ainda na entrada da capela.

Além dos banhos terapêuticos, o lugar conta ainda com uma argila que é utilizada pelos hóspedes para tratamentos de saúde e estão à disposição dos turistas. Os hóspedes têm um salão de convenções, restaurante com cozinha regional, biblioteca, piscinas, pista de cooper, parque infantil, passeio de charrete e cavalo (opcional), minicampo de futebol, salão de jogos, capela, campo de pouso, internet com wi-fi, apartamentos climatizados, circuito fechado de TV.

Na última reforma as dependências do hotel ganharam mais conforto e modernidade, sendo preservada a sua construção original a exemplo da restauração de azulejos. Os 48 quartos receberam novos pisos, móveis modernos e confortáveis, sendo apartamentos simples e de luxo para casal, muito espaçosos os apartamentos para famílias, que vão desde o casal com um acompanhante até uma família com seis pessoas. O acesso aos apartamentos ainda é feito pelos corredores com jardins muito bem cuidados, com fruteiras e flores, que dão o ar das antigas fazendas.

A entrada principal ganhou um lindo balcão em mármore e uma placa em acrílico com o nome "Brejo das Freiras - Hotel Estância". O hotel também conta agora com um novo espaço que foi instalado logo na entrada que dá acesso à piscina



O município tem como uma de suas atrações turísticas a bela edificação da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, construída em 1863



A rua principal da cidade que concentra boa parte do comércio e a entrada do conhecido Hotel Estância Termal de Brejo das Freiras



Dependências do hotel proporcionam momentos de tranquilidade aos hóspedes, que podem contar com vários ambientes e serviços



exclusiva para os hóspedes. Um espaço bem projetado ao ar livre, embaixo de árvores, ganhou mesas e cadeiras rústicas e uma bela estrutura em madeira para a preparação de drinks charmosos e petiscos deliciosos para um happy hour.

Tanto a piscina de uso exclusivo dos hóspedes como o Parque Aquático Lindenbergh Vieira Cunha e também o balneário, que é aberto ao público, foram reestruturados. A cozinha também passou por reformas para atender o mais

novo conceito de modernidade existente no mercado, enquanto que o restaurante, que está bem mais espaçoso e seguindo os protocolos estabelecidos pelo Comitê de Monitoramento à Covid-19. Informações e reservas: 3521-1722.



Para celebrar os 90 anos do cineasta e os 60 de 'Aruanda' serão lançados até o final do ano um livro e uma plaquete, além da primeira edição do Festival de Cinema Quipauá, na cidade de Santa Luzia, região das filmagens do precursor do Cinema Novo

Há 90 anos nascia o homem que transformou os rumos do cinema

Diretor e roteirista do clássico 'Aruanda', Linduarte Noronha foi quem inaugurou o moderno documentário brasileiro

Guilherme Cabral
guijb_jornalista@hotmail.com

Diretor e roteirista de *Aruanda*, documentário seminal lançado há seis décadas que mudou os rumos do cinema no Brasil, o cineasta Linduarte Noronha (1930-2012) – natural de Ferreiros (PE), mas que se radicou na Paraíba em 1933 – completaria 90 anos de idade nesta segunda-feira.

Na esteira de homenagear ambas as datas, projetos estão sendo programados, a exemplo de *Aruanda - Novos Olhares*, livro que o cineasta, professor e coordenador do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) da UFPB, João de Lima, está organizando, com previsão de lançamento para dezembro. Outro projeto é uma plaquete sobre o renomado cineasta, que está sendo elaborado pela Editora A União. Também está sendo preparado a primeira edição do Festival de Cinema Quipauá, que ocorrerá na cidade de Santa Luzia, em período ainda a ser definido.

Aruanda - Novos Olhares será o terceiro livro sobre a obra-prima de Linduarte Noronha que João de Lima publicará. “Essa obra tem três artigos e todos abordam a fotografia do filme, mas cada um por ângulos diferentes. O meu texto é

sobre a figura de Rucker Vieira, o fotógrafo de *Aruanda*; outro, da jornalista Cecília Noronha, sobrinha de Linduarte, é sobre a reação da fotografia com a herança cultural dos estudos sobre negritude no Brasil; e o terceiro é do mestrando em Artes Visuais da UFPB, Hélder Nóbrega, a respeito dos objetos que aparecem no filme, na medida em que eles falam muito do valor do trabalho das louceiras do Talhado”.

Primeiro projeto cinematográfico de Linduarte Noronha, *Aruanda* tem 22 minutos de duração e foi filmado em 35 mm e em preto e branco, entre janeiro e fevereiro de 1960, na zona rural de Santa Luzia, no Sertão da Paraíba. As cenas mostram o quilombo do Talhado, onde a população se dedica ao cultivo de algodão e louceiras trabalham na produção de peças utilitárias de cerâmica primitiva. O curta foi lançado no dia 19 de setembro em João Pessoa e seguiu para Recife (PE) e São Paulo (SP). “O filme continua atualíssimo, apesar de passados 60 anos, pois as louceiras continuam uma faina diária para, através do seu artesanato, garantir a vida e, em se falando de cinema, a jornada é árdua e sem descanso”.

Segundo João de Lima, ele tinha noção de que estava inse-

rido numa jornada brasileira do cinema nacional. “Em seu livro *Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*, lançado em 1963, o cineasta baiano Glauber Rocha (1939-1981) registra que *Aruanda* inaugurou o moderno cinema documentário brasileiro, porque é o precursor do Cinema Novo, pois se procurava, na época, um caminho para o cinema. Glauber entendeu

“Ele tinha isso de conversar tanto sobre os temas mais profundos como sobre coisas bem simples, até mesmo de amenidades. E isso tudo de maneira natural, sem arrogância, sem megalomania”

que essa seria a trilha a seguir. Linduarte gostou dessas declarações, até porque já conhecia Glauber Rocha de perto, pois foi ele quem levou *Aruanda* para uma jornada de curta-metragem na cidade de Salvador, em 1962, e onde o filme obteve seu primeiro prêmio.

Mesmo com a importância da sua envergadura, Linduarte era um homem muito

simples, humilde e despojado de vaidades materiais, de acordo com sua sobrinha, a jornalista Cecília Noronha. “Ele tinha isso de conversar tanto sobre os temas mais profundos como sobre coisas bem simples, até mesmo de amenidades. E isso tudo de maneira natural, sem arrogância, sem megalomania”, recorda.

Geografia humana

No âmbito cinematográfico, Linduarte ainda dirigiu, em 1962, o documentário *O Cajueiro Nordestino*, e, em 1971, a ficção *O Salário da Morte*, seu primeiro e único longa-metragem. “*O Salário da Morte* foi uma grande novidade, em razão de na Paraíba rodar um longa-metragem durante seis meses, no interior do Estado, na cidade de Pombal. Foi um desafio vencido por Linduarte”, observou João de Lima, para quem a produção do cineasta foi pequena. “O golpe militar de 1964, no Brasil, foi o principal motivo que o impediu de continuar filmando num momento em que ele já era reconhecido no país e no mundo”, analisou o professor.

O motivo de ter virado alvo da ditadura foi a compra de uma câmera de fabricação russa, o que lhe fez ser exonerado, já em 1964, do cargo de diretor do Setor de Cinema da

UFPB, em João Pessoa. “Em 1962, Linduarte adquiriu, para a Universidade, uma filmadora soviética numa feira de equipamentos audiovisuais, no Rio de Janeiro. Essa filmadora aparece sendo manipulada em cena pelo próprio Linduarte no filme *Cineasta da Terra* (2009), dirigido pelo paraibano Manofredo Caldas”, afirmou o professor da UFPB, que foi corroteirista da produção.

Segundo Cecília, para entender Linduarte enquanto intelectual, enquanto roteirista e diretor de *Aruanda* e autor de outras obras e trabalhos, “você precisa olhar esse homem bem antes da época de suas criações. É preciso enxergá-lo atravessado por outros discursos que o constituem. O homem que pensou toda a problemática de exclusão, que seria abordada em *Aruanda*, lançado em 1960, já tinha em sua tenra idade questionamentos a respeito da geografia humana. Ou seja, pensava o homem e sua relação com o espaço em que vive”.

A existência de *Aruanda* só foi possível por causa das inúmeras preocupações intelectuais de Linduarte, segunda a sobrinha do realizador. “Elas vão da literatura regional, passa pela sociologia de Freyre, percorre os dilemas etnográficos e antropológicos, além

da vontade de fazer cinema documental. Até porque ele também já tinha essa veia documental, do registro, em suas fotorreportagens. Como se não bastasse tudo isso em ebulição, Linduarte vai fazer uma matéria na região de Santa Luzia, em meados da década de 1950, sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário, com um sincretismo religioso que chama a atenção dele. A matéria foi publicada no Jornal A União. É o embrião de *Aruanda*, pois Linduarte partiria ainda para mais outra matéria até conhecer mais sobre a comunidade isolada existente nas redondezas daquele espaço e decidir colocá-la nas telas do cinema”.

Atualmente, o legado e a memória do cineasta estão tendo um árduo levantamento bibliográfico. “Fazer o levantamento bibliográfico dele não é tarefa tão fácil, principalmente porque a gente não quer se deter em ‘mitos’”, frisou Cecília. “Ao contrário, nossa proposta é justamente ‘aparar as arestas’. Pensando nisso, Léo Noronha – que é meu primo e filho dele –, além de mim e do João de Lima, estamos fazendo esses levantamentos há algum tempo. Tudo com cautela para tentar detalhar essas histórias que não podem se perder no tempo nem ser contadas de qualquer maneira”.

Fotos: Cecília Noronha/Arquivo Pessoal



Da esq. para dir.: Linduarte nas ondas do rádio nos anos 1950; durante as filmagens do clássico 'Aruanda', no Sertão paraibano; ao lado do fotógrafo Rucker Vieira; registro de Manuel Clemente quando revisitou os personagens do filme décadas depois



Walter Júnior diz que o clube está em franca recuperação e o título estadual vai possibilitar um investimento maior para 2021

Foto: Ascom/Treze

WALTER JÚNIOR

A VOLTA POR CIMA DO TREZE

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Presidente do Treze, eleito no final de 2018, Walter Cavalcanti Júnior, 47 anos, é natural de Campina Grande e pôde adicionar há exatos oito dias o título de campeão paraibano ao seu currículo. Walter é um empresário na

Rainha da Borborema que se diz apaixonado por futebol e encara a difícil tarefa de comandar o seu clube do coração. Antes de assumir a presidência, ele havia sido diretor de Marketing do Galo em 2011, justamente na última conquista trezeana até o último dia 15, quando o alvinegro de Campina Grande, após nove anos, vol-

tou a erguer um troféu.

Com o alívio de quem enfim pôde soltar o grito de campeão estampado no rosto e reverberado em comemorações, entrevistamos o mandatário do Treze. Na pauta, a conquista obtida no estadual e seus desdobramentos que melhoram o cenário para o clube, mas não apagam e nem en-

cerram as pendências administrativas e financeiras que o Galo possui e acumulou ao longo dos últimos anos. Seguindo orientação jurídica, Walter Júnior se furtou a responder temas como o passivo trabalhista do clube e outras pendências judiciais que tem atormentado a gestão do alvinegro, incluindo os recorrentes

leilões judiciais em que o Estádio Presidente Vargas é incluído.

Mesmo assim, segue em entrevista exclusiva ao Jornal A União o retrato disponível ao público sobre o presente e o futuro do Treze na visão do mandatário de uma das mais tradicionais agremiações futebolísticas do Nordeste.

A ENTREVISTA

Em 2019, o Treze por muito pouco não foi rebaixado no Campeonato Paraibano e sofreu bastante também na Série C. O que mudou de 2019 para 2020 para que o time conquistasse o estadual?

Para que o Treze não corresse os mesmos riscos do ano anterior, nós buscamos manter uma espinha dorsal do time que finalizou a Série C do ano passado e nos ajudou a livrar do rebaixamento. Nesse sentido aproveitamos alguns jogadores e parte da comissão técnica que já estava trabalhando com o clube e foi assim que começou a caminhada para finalmente voltarmos a conquistar o Campeonato Paraibano. Agora, a nossa expectativa é fazer uma grande participação na competição nacional a partir do grupo que temos hoje e que está vestindo e honrando a camisa do maior clube do nosso Estado.

O time mostrou poder de recuperação e superou as desconfiças com o começo ruim no campeonato. Como você enxerga esse triunfo e o que ele pode representar para o decorrer dessa temporada e nos próximos anos?

Eu não vejo que o Treze tenha iniciado o campeonato de forma tão ruim. No começo da temporada, até quando disputamos o primeiro clássico, fizemos um jogo melhor contra o nosso rival de Campina Grande que só empatou conosco em uma infelicidade de uma bola na área que culminou com um pênalti para eles. Depois disso, realmente demos uma baixada, mas sempre acreditamos no grupo de guerreiros. Desde o princípio, dentro do vestiário uma das primeiras coisas sempre dita era que nós seríamos campeões e que não abriríamos mão dessa disputa. O clube tomou esse intuito desde o começo e com a chegada de Moacir e algumas reposições no elenco a equipe redobrou o ânimo e enfim conseguimos consolidar esse título.

// Eu particularmente travei uma luta para que o clube conseguisse esse terreno. Acho que um clube do tamanho do Treze não pode conviver sem ter um Centro de Treinamento //

Tudo com o resultado de muito trabalho, determinação e garra. Diante disso, muda o cenário para o clube, pois já chegamos agora para disputar uma Série C de outra forma, com mais respeito dos adversários que sabem que ali está um time campeão. Então eu acho que essa foi uma conquista fundamental para um time da grandeza como é o nosso "Galo da Borborema".

O que está faltando para o Treze voltar a mandar seus jogos no PV?

Para o Treze mandar os seus jogos no Estádio Presidente Vargas não falta muita coisa. Apenas um pouco de sensibilidade por parte do Ministério Público da Paraíba que sempre cria entraves para essa liberação. Mesmo assim, temos trabalhado para que essa situação seja solucionada o quanto antes. A alegação de que os extintores do estádio estão com validade vencida, o ponto principal que impedia de jogarmos no PV não procedia, pois os equipamentos estão regulares há bastante tempo. Agora esperamos que nos seja concedido um novo prazo para que outros itens que estão faltando sejam finalizados, pois a pandemia do coronavírus atrapalhou as nossas ações no estádio. Agora estamos pronto para atendê-los e assim viabilizarmos esses últimos detalhes para que o Treze possa mandar os seus jogos da Série C no PV.

Hoje, uma das principais fontes de receita do clube é a Timemania e o Treze está constantemente subindo nas posi-

ções do sorteio o que eleva os recursos. Qual a importância da torcida na recuperação financeira do clube e como esse recurso tem sido aplicado no clube?

A Timemania é super importante para o clube. O Treze tem lutado muito para permanecer no Grupo 1 do sorteio para que em 2021 possamos ter uma participação maior em relação as cotas destinadas aos clubes, através da Timemania. Junto com a nossa torcida temos nos empenhado nesse objetivo de realmente figurar dentro do primeiro grupo. Conseguindo esse objetivo, teremos uma saúde financeira melhor para fazer um clube cada dia mais forte.

Sobre a sessão do terreno feita ao clube pela prefeitura de Campina Grande, qual o projeto do Treze para esse espaço? Já existem recursos para isso e prazo para ser iniciado?

Eu particularmente travei uma luta para que o clube conseguisse esse terreno. Acho que um clube do tamanho do Treze não pode conviver sem ter um Centro de Treinamentos. Por menor que seja a estrutura, a equipe precisa ter um local para fazer seus treinos, para trabalhar as categorias de base, tirar o foco da equipe do centro da cidade e dar um descanso para o nosso estádio o Presidente Vargas que é onde devemos mandar os jogos. Diante disso, na nossa gestão buscamos diversas vezes a prefeitura, procuramos o prefeito diretamente em algumas oportunidades e deu certo. Eu sempre tive esse objetivo para marcar a nossa gestão com esse grande projeto. Uma pessoa que busca fazer gestão precisa deixar sua passagem marcada de alguma forma e felizmente já temos o título estadual e a conquista desse terreno. O Treze hoje possui algumas perspectivas de parcerias em andamento para a construção do CT. É fato que eu já vinha trabalhando nesse sentido e vamos buscar manter esse

objetivo, buscando também recursos dentro do município e do Estado para que possamos unir esforços e dar início a essa obra o quanto antes.

Depois de anos de jejum, o torcedor que ver o Treze voltar a brigar por títulos com mais constância, mas o clube ainda vive uma situação complexa em sua gestão, como equilibrar a recuperação financeira e a reorganização do clube com o sucesso esportivo?

Quando você é campeão outras portas se abrem e você passa a ser observado de outra forma. Então o Treze hoje já é visto no mercado de outra forma e a gente tem certeza que a casa vai estar bem arrumada para o ano que vem e, até mesmo esse ano, já vamos avançar em muitas coisas, pois o título está ajudando que isso aconteça. Vamos continuar lutando para deixar o clube organizado para que possamos no futuro próximo seguir brigando pelos títulos em nível estadual e também nas demais competições que iremos participar a partir de 2021 quando teremos outra linha de trabalho e formas de pensar os caminhos para que o Treze possa seguir em evolução e olhando para frente.

Foto: Ascom/Treze



Para Walter, os adversários estão respeitando mais o clube

Empresas precisam pensar e investir em sustentabilidade

Adotar estratégias que levem em conta a preservação da natureza gera respeito, economia e expansão dos negócios

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

No mundo em que vivemos, especialistas alertam que o modelo de negócio tradicional precisa ser revisto para dar lugar a empresas que se baseiam no tripé da sustentabilidade em que, além da saúde financeira, o empreendedor precisa atender para a performance ambiental e social da companhia. A postura é cada vez mais urgente porque os recursos naturais da Terra estão se esgotando. Isso é fato.

O tripé da sustentabilidade foi um conceito criado no início dos anos 1990 por John Elkington, cofundador da organização não governamental internacional SustainAbility. Mas, segundo a ecóloga e bióloga Anne Falcão de Freitas, que tem mestrado e doutorado na área de desenvolvimento e meio ambiente, a ideia de sustentabilidade surgiu bem antes, em 1972, na Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Anos depois, em 1987, o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), denominado de “Nosso Futuro em Comum”, trouxe o termo de desenvolvimento sustentável, porque desde esta época já se via a necessidade de o mundo adotar formas de produção que respeitassem e preservassem mais o meio ambiente.

Finalmente, em 1994, John Elkington criou o tripé da sustentabilidade. “Que envolve People (Pessoas), Planet (Planeta) e Profit (Lucro), incorporando, assim, uma visão ecológica nas empresas”, frisou Anne de Freitas.

Para a natureza, esse tríduo tem uma importância gigantesca, porque consiste no uso dos recursos naturais de uma maneira em que

o meio ambiente consiga se recuperar dos diversos processos de exploração, assim como no descarte correto do que não foi utilizado pelas indústrias. O capital humano também deve ser respeitado neste processo, porque faz parte do processo de produção. Então, não basta apenas visar o lucro acima de tudo.

A exploração da natureza de forma inteligente e com consciência ecológica também é uma herança que ficará para a posteridade. Segundo Anne de Freitas, a adoção deste modelo significa, para as atuais e futuras gerações, não limitar ou extinguir recursos naturais, evitando a degradação ambiental, interferindo na saúde e qualidade de toda forma de vida.

População

E o consumidor tem sua parcela de responsabilidade neste processo na medida que faz uso racional e sustentável dos produtos que compra, e quando reutiliza ou recicla produtos ou recursos naturais. Anne de Freitas acrescenta que o compromisso do cidadão também se faz presente quando ele passa a adquirir produtos de empresas que participam ativamente da conservação da natureza. “Quando se recusa a consumir produtos que degradam o meio ambiente, entre outras formas, que incentivem a efetivação do tripé da sustentabilidade”, declarou.

O chamado tripé da sustentabilidade tem grande importância para o meio ambiente, já que prevê o uso sustentável dos recursos naturais



Exemplo de negócio sustentável no Cariri

No distrito de Ribeira, na cidade de Cabaceiras, Cariri paraibano, um grupo de trabalhadores produz peças em couro que garantem emprego e renda aos moradores da região. Mas a preocupação dos gestores vai muito além da parte econômica do negócio. Organizados em cooperativa, geram renda de forma coletiva. As práticas ambientalmente corretas também são aplicadas na atividade: beneficiam a pele de forma natural, com curtenente vegetal, e utilizam energia solar, renovável e abundante na região.

Assim funciona a Arteza – Cooperativa de Curtidores e Artesãos em Couro de Ribeira. Segundo o presidente, Ângelo Márcio Gomes Meira, os resíduos sólidos que sobram da limpeza do couro (resto de carnes, cascas, gorduras) são reaproveitados e transformados em fertilizante natural, utilizado na plantação de palma forrageira, de milho e de batata. “É um ótimo fertilizante natural. Ao invés de jogar na natureza, acumulando lixo, fazemos o reaproveitamento”, declarou.

O presidente da Arteza conta que a consciência ecológica vem da ideia de não poluir, uma vez que os antigos curtidores tratavam as peles às margens no rio Taperoá. Além de construir a sede da cooperativa bem distante do rio, os sócios da cooperativa tiveram o cuidado de reutilizar esses resíduos. “Fazendo algo viável para o meio ambiente, estamos contribuindo com o bem-estar da natureza, da sociedade em que vivemos. Um produto ecologicamente correto também tem mais valor”, frisou Márcio.

Ele conta que há planos de reutilizar a água usada na fabricação de bolsas, chapéus, cintos e outras peças produzidas na coope-

rativa, uma vez que a água é um item bastante escasso no Cariri paraibano. Outro projeto que está sendo formatado é o de fazer o replantio do anjico, uma planta nativa da região de onde os sócios da cooperativa retiram a casca para fazer o curtimento do couro.

O presidente da Arteza conta que produzir de forma consciente, tendo o cuidado com a qualidade e durabilidade do produto, mas também pensando na natureza e bem-estar da sociedade, é uma preocupação mundial. “Produzir é bom, mas desde que esta fabricação não venha agredir o meio no qual vivemos. O mundo

inteiro vive esta preocupação e não poderíamos ficar para trás”.

História

A Arteza é uma cooperativa de curtidores e artesãos fundada em 1998. Ao longo dos anos, o grupo se capacitou e hoje gera 300 empregos diretos e indiretos. O crescimento contou com a ajuda de parceiros como o Sebrae, Senai, CNPq, governos municipais e estaduais e a OCB/Sescoop. Se no início eram 28 cooperados, atualmente são 75 sócios e mais de 60 famílias envolvidas.

Continua na página 14

Foto: Divulgação



A cooperativa de couro passou a economizar e lucrar mais com a reutilização de recursos e produtos

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Ferreira Gullar e os lances da “ilusão vanguardista”

Criador do neoconcretismo e membro da Academia Brasileira de Letras, o maranhense Ferreira Gullar (1930-2016) foi um dos nomes mais importantes da cultura brasileira, como escritor, poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta.

Até novembro de 2016 Ferreira Gullar (foto) escrevia semanalmente no “Jornal do Brasil” e depois na “Folha de S. Paulo”.

Em meus arquivos, guardo uma de suas principais colunas, sobre “a agonia das vanguardas estereis” - publicada no suplemento “Idéias/Ensaios” do “Jornal do Brasil”. Gullar, então, bateu na tecla de que “os artistas que insistem na ilusão vanguardista não se dão conta de que o que, no passado, era audácia, hoje é oportunismo; o que antes era ruptura, hoje é conformismo”.

Realmente. Lembro que em 1968, antes do AI-5, artistas paraibanos, na abertura de uma exposição na Sorvelanches 36 (não existe mais), derramaram uma lata de tinta vermelha na cabeça de um americano do Peace’s Corp enquanto a galera gritava “go home”. Na mesma época, eu, José Nêumanne e outros montamos o espetáculo

“Pindorama, Idolatrina, salve, salve” e varremos a poeira do palco do Teatro Minerva, em Areia, em direção a uma atônita platéia formada por freiras, jovens alunas e algumas das ditas autoridades da cidade.

Na época, Raul Córdula, Guy Joseph e outros tinham propostas e respostas que alteravam profundamente os dados das artes plásticas nordestinas, sem que fossem carbonos.

Preocupa, hoje, é que artistas queiram aparecer como o novo fazendo exatamente aquilo que na época do AI-5 “era audácia” e que em noites ridículas à la Yves Falière, no Hotel Tambaú, “era oportunismo”. Que alguns artistas copiem o que era produzido há cerca de 45 anos como “ruptura” e hoje é “conformismo”.

Compreende-se bem o que Ferreira Gullar afirmou no “Idéias/Ensaios”: a ilusão vanguardista. Ela se mantém entre artistas que pensam mais na possibilidade de entrar na mídia, no mercado, no ti-ti-ti do blá-blá-blá, do que em partirem para a grande e nova aventura de (re)inventar o novo numa sociedade absolutamente saturada de informações



velhas (mas tão contraditórias que aparecem como modernidade do século 21). Não são nem pós-modernas porque não conseguiram ser pré.

Faço questão de transcrever um trecho significativo do longo texto de Gullar:

“A renúncia à arte descartável significa trocar a busca interior pelo êxito exterior. Para quem segue esse caminho, a obra não tem importância senão pela repercussão na mídia. O processo de realização da obra, que deve ser cumulativo e aprofundador, é abandonado e substituído pela atividade aleatória de coletar detritos ou adquirir no comércio elementos prontos

que serão arranjados de algum modo para constituir a ‘obra’.

Como a cada ‘obra’ o artista muda de meios - hoje são baldes de plástico, amanhã tijolos ou garrafas, depois de amanhã cordas ou pedaços de borrachas - seu trabalho se mantém ocasional e exterior ao material, sem, por isso, organizar-se em linguagem. A obra, então, não resulta da elaboração e aprofundamento da experiência, mas de sacações (“Tive uma boa ideia!”) que visam de fato abrir uma brecha na indiferença da mídia. É inegável que as condições

geradas pela sociedade de massa cria para os artistas dificuldades e imposições difíceis de superar. Mas isso não justifica concessões que, no fundo, terminam por destruí-lo, tal como ocorre com os jovens compositores de hoje, que brilham no céu televisivo por um mês, dois, e em seguida desaparecem para sempre”.

Um show de Gal Costa me fez ver, via Wally Salomão, que um quadro de Tarsila do Amaral permanece mais moderno que quase todos os lances da “ilusão vanguardista”.

Capital humano e natureza devem ser mais valorizados

Órgãos como o Sebrae estimulam a adoção do tripé da sustentabilidade entre os empresários paraibanos

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Na Paraíba, o tripé da sustentabilidade é estimulado por órgãos como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PB). O gerente regional do Sebrae de Campina Grande, João Alberto Miranda Leite, afirma que o papel da entidade é trabalhar o desenvolvimento local através de três braços: comunitário/social, econômico e ambiental.

No aspecto social, a ideia é que as atividades se desenvolvam através da co-operação, melhorando o potencial das comunidades. Ao fortalecer os talentos locais, há um melhor resultado no desempenho econômico dos moradores de uma região. Segundo João Alberto, o incentivo financeiro também traz benefícios ao meio ambiente. “As comunidades, quando não estão com o braço econômico funcionando, têm de se manter de alguma forma, e acabam agredindo mais a natureza”.

Apesar de haver incentivos e dos bons exemplos de sustentabilidade nos municípios paraibanos, João Alberto declara que os empreendedores ainda têm muito o que evoluir com relação ao assunto. “Ainda há muito o que evoluir, porque há atividades setorializadas. É preciso que haja uma expansão”.

E entre as mensagens levadas às comunidades é que, ao se degradar a natureza, tira-se a oportunidade de as futuras gerações atuarem no ambiente em que moram. Essas orientações são repassadas através de ferramentas como cursos, oficinas, palestras, rodadas de negócios, seminários e consultorias.

São várias as formas de uma empresa se desenvolver de forma sustentável. “Incentivamos o uso da energia solar, do reflorestamento, do reaproveitamento da água, dos resíduos sólidos”, exemplificou João Alberto.



Foto: Divulgação

João Alberto Miranda, do Sebrae, diz que empreendedores precisam ainda evoluir no que diz respeito à sustentabilidade



SAIBA MAIS

■ O tripé da sustentabilidade é também chamado de triple bottomline, ou Social, Ambiental, Financeiro. Ele corresponde aos resultados de uma organização medidos em termos sociais, ambientais e econômicos: Social - refere-se ao tratamento do capital humano de uma empresa ou sociedade; Ambiental - refere-se ao capital natural de uma empresa ou sociedade; Financeiro - trata-se do lucro. É o resultado positivo de uma empresa.

Política ambiental do Brasil repercute nos negócios

Práticas sustentáveis ganham força diante da ação dos ambientalistas e as empresas que as consolidam na rotina produtiva conquistam credibilidade diante da opinião pública e do mercado, o que pode ser revertido positivamente para as receitas da organização. A própria forma como um país administra seus recursos naturais tem repercussão no seu desempenho econômico.

Não é à toa que o Brasil, com a postura antiambientalis-

ta do presidente Jair Bolsonaro, vem despertando o descrédito do mercado internacional, afastando os investidores. Um exemplo disso é que, somente em uma semana, o país deixou de receber R\$ 287,6 milhões por parte dos principais financiadores de projetos de preservação da Amazônia.

E o motivo é a forma como o meio ambiente vem sendo tratado. Dado divulgado este mês pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)

mostra que, de agosto do ano passado a julho deste ano, o desmatamento na Amazônia cresceu 34%, se comparado ao período anterior, totalizando 9.205 quilômetros quadrados de floresta destruída. No acumulado do período anterior (entre agosto de 2018 e julho de 2019) a área desmatada foi de 6.844 quilômetros quadrados.

O Ministério do Meio Ambiente, que deveria cuidar e proteger a maior floresta tropical do planeta, aproveitou a tra-

gédia da pandemia para tentar “passar a boiada” na flexibilização das regras ambientais. Especialistas garantem ainda que, a má gestão ambiental atinge o dia a dia das organizações, sobretudo o rating (notas de risco de crédito) das corporações que contam com investimentos e financiamentos de agentes internacionais. Portanto, o tripé da sustentabilidade também está ligado à respeitabilidade e ao capital das empresas e de uma nação.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Zé da Luz na academia e na internet

Em 2010, o itabaianense Geraldo Xavier de Oliveira apresentou monografia intitulada “Zé da Luz, memória e identidade de Itabaiana”. Foi na Universidade Federal em Vitória da Conquista, Bahia. Geraldo Xavier não vive mais entre nós, deixando marcada sua inteligência forjada no trabalho como tipógrafo, mas também herdada dos seus familiares. Geraldo foi aprendiz de gráfico n’A Folha, jornal oficial de Itabaiana, sob as ordens de Nabor Nunes, Arnaud Costa e Djalma Aguiar, seu tio.

Com sutileza e habilidade, Geraldo traça um perfil do poeta matuto e sua ligação umbilical com Itabaiana, naqueles anos românticos que antecederam à Revolução de 1930, e depois, até o final dos anos 50, quando Itabaiana era um centro irradiador de cultura. Naquele cenário, aparecia a figura de Zé da Luz, um dos três severinos lendários, junto com Severino Sivuca e Severino Ratinho. Severino de Andrade, o Zé da Luz, personificou

o lirismo, o cheiro e o sabor do Nordeste. Sua poesia está na boca do povo, imortalizada.

Atualmente, Zé da Luz tem sua obra exposta no mundo cibernético. O grupo de músicos pernambucanos Cordel do Fogo Encantado, da cidade de Arcoverde, destacou-se pela mistura de rock rural e poesia sertaneja. A revista eletrônica de literatura pop TXT Magazine publicou o poema “Ai, se sêsse...”, de Zé da Luz, trabalho que já foi musicado no CD do Cordel, em gravação ao vivo, na voz do cantor Lirinha, em show no Opinião, de Porto Alegre.

Comentário da revista: “A fronteira entre a cultura dita popular, o chamado pop e os meios de comunicação eletrônicos de alta tecnologia vem sendo diluída, sem anular nenhum desses módulos culturais. Ler os versos de um matuto na animação em Flash da página de abertura de uma revista de ficção urbana não é surpresa. O folclore, a cultura popular e

o pop têm mais raízes em comum do que o superacionismo cultural nos permite enxergar”. Outro bom sítio de cultura popular, onde Zé da Luz está presente com destaque, é o De Repente (www.derepente.f2s.com), um passeio pelo universo das cantorias, sintetizando a vocação multimídia da cultura sertaneja.

Zé da Luz tem rejeição na sua cidade natal, mas por motivos políticos mesquinhos. Em 2013, o vereador Ubiratan apresentou projeto de lei denominando de Praça Poeta Zé da Luz o local onde se encontra exposto o busto do poeta, localizado na Rua Marieta Medeiros. O vereador Dedé Tavares disse que não concordava com o projeto, porque seria retirar a homenagem à dona Marieta para colocar outro nome. Na réplica, Ubiratan informou que “o nobre colega não entendeu o sentido do projeto, porque não se retirava o nome da professora Marieta Medeiros da rua, apenas dava nome de Zé da Luz à pracinha localizada naquela artéria”.

“Mesmo assim, voto contra esse projeto”, respondeu Dedé Tavares.

O busto foi uma iniciativa da Sociedade de Amigos da Rainha do Vale do Paraíba quando se festejava o centenário de Zé da Luz em dezembro de 2004. A obra foi assinada pelo artista plástico Mestre Zaia. A ideia do espaço físico e da configuração da obra foi do poeta Jessier Quirino. Todos os custos foram assumidos pela comunidade itabaianense, sem que se gastasse um centavo de dinheiro público. Atualmente, o busto de Zé da Luz está em depósito da Prefeitura. Vândalos danificaram a obra, abandonada pelos que têm o dever de zelar pelo bem público.

Penso que, às vezes com as rivalidades políticas provincianas, o vereador Dedé Tavares acabou dando uma demonstração de incivilidade. Fica na consciência da comunidade uma ponta de constrangimento, de ver que um dos seus representantes negou uma proposição de homenagem ao maior de nossos poetas.

Amamentar envolve afeto, troca de emoções e preparo

Campanha dissemina informações para que mulheres conheçam benefícios e saibam lidar com eventuais dificuldades

Ludimila Honorato
Agência Estado

A amamentação é um processo considerado cheio de amor, que envolve afeto e troca emocional entre mãe e bebê. No

entanto, por mais que esses sentimentos possam fazer parte, o aleitamento materno também é difícil, cansativo e requer preparo.

Para incentivar e conscientizar sobre a importância desse ato de nutrir,

a campanha Agosto Dourado dissemina informações para que as mulheres conheçam os benefícios e saibam lidar com as dificuldades que possam surgir.

No intuito de contribuir com esse processo de oferta do leite materno, o

Estadão conversou com a pediatra Loretta Campos, consultora de aleitamento materno, e a nutricionista materno-infantil Poliana Resende para responder algumas dúvidas sobre amamentação e produção de leite materno.

Tirando as dúvidas

Qual é a importância da amamentação?

■ A amamentação é o processo de alimentar e, consequentemente, nutrir o bebê com leite humano, seja ele produzido pela mãe ou por uma doadora. Além da importância de sobrevivência do recém-nascido, é por meio do aleitamento materno que mães que conseguem amamentar e os nenéns podem usufruir de diversos benefícios, no curto e longo prazos. Entidades de saúde do Brasil e do mundo recomendam que o leite humano seja oferecido de forma exclusiva ao bebê até o sexto mês de vida, porque é o alimento melhor tolerado pelo organismo dele. No aís, segundo o Ministério da Saúde, essa orientação é possível para 45% dos recém-nascidos.

Quais são os benefícios do leite materno para o bebê?

■ No último dia 4, ao anunciar a campanha nacional de amamentação, o Ministério da Saúde falou sobre os benefícios do leite materno para bebês e mães. Segundo a pasta, o alimento reduz em até 13% a mortalidade infantil por causas evitáveis em crianças menores de 5 anos, diminui as chances de alergias, infecções e obesidade, por exemplo, além de diminuir a chance de a mulher desenvolver câncer de mama e de ovário no futuro.

Quais situações podem dificultar ou impedir a amamentação?

■ Diversos fatores podem fazer com que as mães não amamentem seus bebês de forma adequada, desde condições físicas até emocionais, segundo explica a pediatra Loretta Campos. A baixa produção de leite, por exemplo, decorre da falta de estímulo nas mamas e bebês prematuros que tiveram de ficar na UTI neonatal ainda não estão preparados para sugar o leite. Portanto, é possível que a mãe tenha pouco leite a oferecer e tenha de recorrer a técnicas para aumentar essa produção.

Outros fatores que podem gerar dificuldade é o mamilo invertido, em que a parte proeminente da aréola está retraída para dentro da mama, tornando mais difícil a pega do bebê; cirurgia de mama, na qual glândulas mamárias e ductos podem ser removidos; mama anatomicamente pouco desenvolvida ou muito volumosa para a boca pequena do bebê; recém-nascidos



Fotos: Pixabay

Especialistas recomendam que as mães busquem orientações durante a gravidez para se sentirem mais seguras na hora de amamentar o bebê

sonolentos, que deixam de mamar e, com isso, fazem diminuir a produção de leite; oferta de mamadeira e chupetas, que podem levar à confusão de bicos; e mães com HIV positivo não podem amamentar devido ao risco de transmitir o vírus por meio do leite.

A parte emocional e psicológica também é fator importante, tanto para o sucesso quanto para a dificuldade do aleitamento. Família e profissionais da saúde devem apoiar a mãe no desejo dela de amamentar, uma vez que o processo demanda tempo e esforço. Depressão e ansiedade também podem interferir na amamentação, então é importante que essa mãe esteja amparada.

O que fazer durante a gravidez para estimular a produção do leite materno?

■ Durante a gestação, não é recomendado fazer qualquer tipo de estímulo

lo para a produção de leite. Loretta explica que esse estímulo precoce libera ocitocina, hormônio que induz à contração do útero. Se isso ocorre, a mãe corre o risco de ter um parto prematuro. No entanto, isso pode ser feito em casos específicos, quando, por exemplo, a mãe tem mama reduzida e bem próximo ao dia do parto. No geral, durante a gravidez, é importante que a mulher busque orientações e seja bem informada sobre o aleitamento com profissionais, seja pediatra, ginecologista ou consultoras de amamentação. Esse atendimento a deixará mais segura sobre cada fase.

Após o nascimento do bebê, algumas técnicas podem contribuir para aumentar a produção de leite materno, se for necessário. A premissa é estimular a

mama e a sucção, então isso pode ser feito por meio de ordenha manual ou com ajuda de uma bomba elétrica. A nutricionista Poliana Resende também cita o estímulo alternado entre mamadas e o uso de medicações específicas que precisam ser avaliadas pela mãe junto com um médico especialista

Quando começa a descer o leite?

■ A pediatra explica que a mulher começa a produzir o colostro por volta do quarto mês de gestação, quando as mamas começam a se preparar para o nascimento do bebê. É com esse alimento que ele será amamentado nos primeiros dias de vida. A descida do leite maduro, com mais gordura e que vai

sustentar o neném por mais tempo vem em torno do quarto dia após o parto. Em algumas mães, isso pode ocorrer no sétimo dia. Loretta destaca que depressão e ansiedade também podem interferir nesse tempo. Ela destaca que nas mulheres que entraram em trabalho de parto e tiveram o filho por meio vaginal a descida pode ser em menos tempo do que aquelas que fizeram uma cesárea. A diferença de leites também é notória: enquanto o colostro é meio alaranjado, o leite maduro é mais branco. Além disso, quando o leite desce, as mamas aumentam de tamanho.

Existe leite materno fraco?

■ Definitivamente, não. O que geralmente se chama por “leite fraco” ou “ralo” tem o nome de colostro, que é o primeiro alimento produzido pelas mamas, ainda quando a mulher está grávida. A nutricionista materno-infantil Poliana Resende afirma que, de fato, o colostro é em menor quantidade, mas suficiente para o pequeno estômago do recém-nascido. Esse leite é tão fundamental quanto o leite maduro, que começa a descer alguns dias após o parto. Loretta completa que o colostro é rico em anticorpos, considerado a primeira vacina do bebê.

Quais nutrientes o leite materno possui?

■ Poliana Resende explica que o leite humano, desde o colostro até o maduro, têm todos os nutrientes necessários para cada fase do bebê. Dependendo do tempo, alguns estão presentes em maior ou menor quantidade. No leite maduro, há maior concentração de lactose do que no colostro, por exemplo, bem como o total de gorduras. Já no colostro, há maiores taxas de colesterol e proteínas.



Na UFPB, automobilismo ajuda a formar alunos de Engenharia

Projeto oferece aos estudantes a oportunidade de criarem carros de corrida e participarem do Fórmula SAE, uma competição nacional

Márcia Dementshuk
Especial para A União

No Fórmula UFPB, projeto do Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade Federal da Paraíba, estudantes vivenciam a Engenharia. A equipe composta atualmente por 52 integrantes desenvolve um carro de corrida estilo fórmula e participa da competição automobilística estudantil nacional, o Fórmula SAE. O projeto na UFPB completa 10 anos em 2020; os estudantes que passam pela experiência são valorizados no mercado de trabalho; os que seguem na pesquisa acadêmica produzem inovações que geram depósitos de pedidos de patentes. E mesmo com recursos escassos a equipe conquista boas posições no ranking nacional.

As corridas de Fórmula 1 atraem até aos menos entendidos de automobilismo. Acompanhar um Grande Prêmio - que seja pela televisão - ativa a adrenalina e gera forte emoção. Mais emoção ainda vivem os integrantes da equipe Fórmula UFPB vindo na pista em alta velocidade um carro de corrida planejado, construído e testado por eles.

Os estudantes desenvolvem desde o conceito inicial do protótipo, sua fabricação, experimentação, inclusive a culminância: colocar o carro lado a lado com outros adversários em uma competição Fórmula SAE. O Fórmula SAE é organizada pela entidade americana "Society of Automotive Engineers", (Socie-



Equipe composta atualmente por 52 integrantes desenvolve desde o conceito inicial do protótipo, passando pela fabricação e experimentação, até chegar às pistas de corrida

dade de Engenheiros Automotivos) uma "competição de desenvolvimento de produto, onde os estudantes devem conceber, projetar, fabricar, e competir com pequenos carros de corrida estilo fórmula", realizada em vários países. No Brasil, o autódromo fica em Piracicaba, interior de São Paulo, para onde a equipe do Fórmula UFPB viaja a cada temporada de provas.

"Trabalhamos com a realidade projetando soluções para

o veículo dentro do orçamento que temos. O objetivo é fazer um desenho que seja viável economicamente, pensar no desempenho do carro, no motor, freios, ergonomia, suspensão... Mas os estudantes também são desafiados a elaborar o Plano de Negócios considerando a análise de mercado, o produto, o processo de manufatura, a estratégia de marketing e a lucratividade para os patrocinadores", explica o coordenador, professor Doutor

Koje Mishina.

É um projeto multidisciplinar, envolve alunos de outros cursos como Administração e Marketing. A equipe batalha por recursos financeiros contactando patrocinadores, promovendo cursos e outras ações. Conta com apenas duas bolsas de auxílio estudantil, uma do Programa de Bolsas de Extensão (Probex) e outra do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic).



Fotos: Divulgação



É 100% prático, mas rende teorias em trabalhos de conclusão de curso e dissertações. Em 2019 o mestrando Felipe Maraschin Pereira de Souza defendeu a dissertação que descreve o desenvolvimento de um atenuador de impacto de alumínio, "um equipamento que tem o propósito de absorver a energia do impacto no caso de uma colisão", aumentando a segurança dos passageiros. Para o projeto ele usou os critérios

do Fórmula SAE. O equipamento tem um custo baixo e mais eficiência do que os disponíveis no mercado atualmente. Segundo Koje Mishina será realizado o depósito de pedido de patente deste equipamento pelas características inovadoras no uso de tecnologia computacional. Também estão em desenvolvimento uma solução para a suspensão e um passageiro automático de câmbio, projetos que renderão patente.

+ Experiência é valorizada no mercado de trabalho

O Fórmula UFPB se tornou referência no mercado de trabalho. Estudantes que passaram pelas oficinas e certamente viraram noites em claro terminando o veículo para viajar ao local da competição, em Piracicaba, estão em postos de trabalho valorizados em montadoras de veículos, ou em grandes empresas. De acordo com Koje Mishina, um dos pré requisitos para a contratação em montadoras é a participação do candidato no Fórmula SAE.

A função do Capitão do Fórmula UFPB, posição ocupada hoje por Moná Garcia, é acompanhar e facilitar a execução dos projetos de cada subsistema da equipe. Trabalhar a sequência do cronograma, atender as necessidades dos gerentes, dos líderes de subsistemas, dos patrocinadores, entre outros. "No Fórmula SAE eu percebi, com o tempo, que o carro não é o 'lance'. O 'lance é a equipe. Se você tem uma boa equipe, o carro é consequência. Fazer uma equipe construir um carro é a grande sacada; é isso o que traz um resultado

melhor que vai refletir no mercado de trabalho. Por isso, grandes referências que temos da nossa equipe hoje ocupam postos de destaque, não necessariamente no setor de veículos, mas em outros também".

Para falar da experiência, a voz de Moná Garcia transmite a euforia dos espectadores diante de um Grande Prêmio. É paixão pelo projeto. O coordenador, professor Koje, garante que são todos assim: "Depois de estarem formados, empregados, eles retornam para cá para transmitir as experiências aos novatos".

Moná continua relatando suas responsabilidades: "Minha preocupação como Capitão é incentivar a participação dos colegas. Na sala de aula não é permitido estar no projeto se as notas são baixas. Nas aulas aprendemos a calcular e no projeto a montar um veículo. As duas coisas são importantes".

A competição Fórmula SAE são cinco dias intensos, de fortes emoções. Em 2019 a equipe da UFPB foi o 9º melhor projeto de Engenharia do

Brasil e o 11º melhor Plano de Negócios do Brasil, entre mais de 70 equipes competidoras. "Essa conquista foi uma vitória, diante das condições que temos. Ainda por cima, o nosso carro sofreu uma quebra do motor e não pode ir pra pista, o que diminuiu nossa pontuação geral; ficamos em 23º. Se tivéssemos ido pra pista, íamos arrebrantar", diz Moná.

A competição é dividida em duas partes: a estática e a dinâmica. Na estática, os projetos são avaliados de acordo com a criatividade e a eficiência das soluções. Mesmo um carro caríssimo, pode não ter uma boa pontuação. Na parte Dinâmica, o veículo é avaliado na pista; foi nessa que não conseguimos apresentar. Os pontos são somados e o resultado final é lançado.

Neste ano, com a pandemia e o isolamento social, a equipe decidiu preparar a estrutura para a temporada de 2021 que será realizada por volta de janeiro de 2022, por ter tido a agenda alterada.



Estudantes que passaram pelas oficinas estão em postos de trabalho valorizados

Aluno de ECIT em liderança

Guilherme Félix fez o Ensino Médio na Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Senador Humberto Lucena, em Cacimba de Dentro, interior da Paraíba, e hoje é líder do Subsistema de Motora do Fórmula UFPB integrada por oito pessoas. Sua trajetória o levou a retornar às escolas para levar sua experiência.

"O princípio básico na ECIT era tornar a escola um ambiente familiar, amigável, como se fosse a nossa casa. Nosso Diretor, Robson Wesley, falava que essa era a nossa segunda casa e deveria ser um ambiente agradável para nós." "No segundo ano entrei para o Grêmio Estudantil. A nossa gestão me preparou por completo para situações que eu nem imaginava que eu iria enfrentar. Nós deixamos a escola mais divertida, menos formal; criamos competições esportivas, fizemos viagens culturais, reativamos o laboratório de computação, consertamos os computadores - são 18, a maioria precisava de manutenção simples, como solda e

parafuso, que aprendemos nas aulas de robótica - estão até hoje funcionando bem. Consertamos a quadra de esportes e fizemos até um São João, com banda de forró e tudo! As verbas vinham da cantina que tínhamos no Grêmio."

"O modelo da escola integral nos fortaleceu para encontrar soluções de problemas do dia a dia. Quando entrei na universidade, em 2019, e logo em seguida, no Projeto Fórmula UFPB, já era parte da minha rotina identificar as necessidades e buscar alternativas."

"No ano passado fizemos apresentações em duas escolas Cidadãs Integradas Técnicas em João Pessoa, a ECIT Daura Santiago Rangel, no Bairro José Américo e a ECIT Alice Carneiro, em Manaíra. Em ambas escolas, o impacto foi semelhante: "Enquanto apresentava o projeto, o bicho de sete cabeças que as pessoas pensam ser a Engenharia se tornava mais amigável. Quando eles souberam que construíamos um carro de corrida na universidade, ficaram eufóricos. Queriam saber como entrar no Fórmula!"



A competição Fórmula SAE é realizada durante cinco dias de fortes emoções; em 2019, a equipe da UFPB foi o 9º melhor projeto de Engenharia do Brasil



Foto: Arquivo do Jornal A União

A saga do primeiro imigrante japonês em terras nordestinas

Eije Kumamoto fincou raízes no Sertão paraibano no início do século 20, lutou em confrontos históricos e se tornou negociante

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Em 1917, um menino de 15 anos saiu do Japão, sua terra natal, e após uma viagem exaustiva, cortando o oceano, aportou em território tupiniquim. Sob a guarda de um tio, acompanhado por sobrinha, cunhada e sem saber o que o destino lhe reservava, acabou fazendo história num país desconhecido, cujo idioma não sabia sequer uma palavra. O menino era Eije Kumamoto e foi o primeiro imigrante japonês no Nordeste brasileiro. Fincou raízes na pequena cidade de Princesa Isabel, no Alto Sertão da Paraíba, e lá construiu sua história.

Como a maioria dos japoneses que vieram para o Brasil, Eije foi direto para São Paulo, onde havia a promessa de trabalho em um canavieiro. Na época, os ricos fazendeiros paulistas dominavam a cultura do café e precisavam de mão de obra barata. "Lendo 'Corações Sujos', de Fernando Morais, descobri que muitos japoneses fugiam das fazendas por causa do trabalho escravo. Não tinha dia santo, feriado. Acho que meu pai fugiu dessa fazenda e deve ter ido para Santos (SP), tentando voltar para o Japão, mas nunca mais foi lá", contou seu filho primogênito, o médico Ítalo Kumamoto.

Chegando em Santos, foi para o Rio de Janeiro, de navio, e passou alguns dias na cidade portuária, mas terminou indo para Recife e, por volta de 1921 ou 1922, conheceu a família de Francisco Pessoa de Queiroz, um comerciante importantíssimo na época e que tinha uma forte ligação com Princesa Isabel e com o coronel José Pereira, inimigo político do presidente da Paraíba João Pessoa. Eije passou a trabalhar no armazém de Queiroz.

"O coronel José Pereira chamou meu pai para ir a Princesa em 1923. Na época, minha mãe tinha cinco anos de idade. Ele trabalhou no comércio, tomou conta de engenho, usina elétrica que abastecia Princesa e se tornou homem de confiança do coronel por volta de 1930", contou o filho. Naquele período, a forte ligação comercial entre Princesa Isabel e Pernambuco era vista por muitos como evasão de impostos.

Era um período tenso e ali foi declarada a República de Princesa. "Ocorreu a instauração do Território Livre. Houve uma luta tremenda que não teve vencedor e nem vencido por causa da intervenção do Exército, o que desencadeou a revolução de 30", relatou o médico.

/// Muitos japoneses fugiam das fazendas por causa do trabalho escravo. Não tinha dia santo, feriado ///

História deve virar livro e pode chegar ao cinema

A trajetória de Eije Kumamoto, repleta de histórias vividas em um país desconhecido que ele adotou como morada e onde decidiu construir sua família, vai virar livro. A responsabilidade está nas mãos do escritor Juca Pontes sob a supervisão de Ítalo Kumamoto. "É uma história muito bonita, de superação, muita luta e muito sucesso", sintetizou o filho.

"Queremos romancear essa história de meu pai. Conversei, inclusive, com a diretora de cinema Tizuka Yamasaki e temos a ideia de transformar sua trajetória em um filme. Um japonês sair de São Paulo, vir para Recife nos anos 1920, terminar no Sertão da Paraíba e lutar na guerra. Dá muito orgulho a história do meu pai", disse Ítalo Kumamoto.

Correspondente de guerra

"Meu pai era homem de confiança do coronel José Pereira para ir a Pernambuco arrecadar dinheiro e armas para pagar as tropas rebeldes. E era correspondente de guerra. A cada meia-hora, mandava um bilhete para José Pereira informando a situação, se as tropas tinham avançado, se

Foto: Arquivo de família



Em 1954, Eije Kumamoto com dois dos seus quatro filhos, sendo na foto Francisco Ítalo Kumamoto (esq.) e Francisco Gilson Kumamoto (dir.)

havia prendido alguém do governo. Isso se encerrou com a intervenção militar. O coronel teve que fugir. Havia muita perseguição", relatou Ítalo Kumamoto.

Surpreendentemente, Eije foi poupado e até hoje não se sabe o motivo. Começou a trabalhar como comerciante e assim se estabeleceu em Princesa dos anos 1930 aos anos 1970. Casou com Marly Duarte, então com 19 anos, em 1937, sob as bênçãos do juiz paraibano Sérgio Maia.

A partir daí, em 1939 e 1940, veio a Segunda Guerra e todos os japoneses no Brasil foram considerados espiões, sendo apreendidos ou confinados pelo governo central. Depois da guerra, a maioria dos libertados foi embora para o Japão. Mas, com Eije, foi diferente. Ele não foi detido nem durante e

nem depois do conflito. Mesmo recebendo ordem de prisão, sua amizade com um delegado o livrou da cadeia. Por outro lado, lhe tomaram toda a documentação e, a partir de 1940, ficou sem lenço e sem documento.

"Estou lutando ainda para conhecer minha família, procurei pelas redes sociais. Localizei a cidade onde meu pai foi, em São Paulo. Tenho desejo de ir lá no cartório ver se encontro alguma coisa com a família Kumamoto. Devem estar pelo Brasil", disse Ítalo.

Uma "pátria" chamada Princesa

"Eu me lembro que eu tinha seis anos de idade, em 1954, e o único rádio da cidade era o que tinha lá em casa. Meu pai ouvia a BBC de Londres e sabia de tudo que estava acontecendo no mundo. Sabia como estava o preço do algodão na Flórida (EUA), notícias da guerra da Coreia, bomba atômica, energia nuclear. Todo mundo sentado na frente de casa, 20 cadeiras, até altas horas da noite", recordou Ítalo Kumamoto.

Eije, com o tempo, foi se estabelecendo financeiramente como negociante de produtos locais. "Diziam que era um homem rico, emprestava dinheiro a todo mundo, comprava algodão, mamona, agave. Eu entrei nessa onda com dez anos, em 1958, e compartilhava com ele toda a responsabilidade dos negócios. Ia para a feira com um saco de dinheiro comprar algodão", declarou o filho.

O médico Kumamoto ressaltou ainda que por seu caráter, Eije conquistou muitos amigos. "Não conheço inimizades na história da minha família. Meu pai dizia que Princesa era a Pátria dele", afirmou Ítalo Kumamoto.

"Mim cumpriu a missão!"

Eije Kumamoto nasceu em 1901, em Kagoshima, na ilha de Kyushu, no Japão. O nipônico morreu aos 91 anos, mas não aparentava a idade. "Em 1972, meu pai tinha 71 anos e todos diziam que tinha 50. Não tinha cabelo branco, não se preocupava com nada. Vivia tranquilo", disse Ítalo.

Em 1973, quando o filho mais velho concluiu o curso de Medicina, a família veio morar em João Pessoa. "Dois meses antes de falecer, ele foi na minha casa de manhã. Eu morava no Bairro dos Estados. Ele, que nunca usava

'eu' para dirigir-se a si mesmo, disse: 'Mim cumpriu a missão, mim está na hora de ir embora'. A missão era educar os filhos e eu fiquei responsável quando ele se foi. Faleceu de causas naturais, com a tranquilidade típica de um oriental", lembrou o primogênito.

Disciplina e humildade formaram o legado deixado por Eije. "Meu pai tinha duas frases. A primeira era: 'Menino nunca deve subir escada'. Eu não entendia o que ele queria dizer com aquilo. Quando eu tinha mais conhecimento, perguntei. E ele explicou que menino nunca deve ficar cheio de orgulho, achando que

tem poder, cheio de vaidade, que deveria ser simples e humilde. Valorizar essas coisas. Se cair, a queda vai doer menos".

A outra frase que Eije costumava falar era relativa à importância da leitura. "Ele dizia: 'Menino, goste sempre de seus livros porque eles serão sempre seus melhores amigos'. Hoje, a gente vê claramente que o livro está sempre disponível, não tem mau humor [diferente de um amigo humano], a gente lê na hora que quer", afirmou. "Disciplina e humildade. Esses foram os ensinamentos que ele deixou", acrescentou Ítalo.

MAIS CURIOSIDADES

■ Vários apelidos

Eije recebeu vários apelidos, boa parte deles por conta de sua nacionalidade. Era chamado de "Seu Inhês", alguns chamavam japonês, Nim, outros Eije, Japão, o Japonês de Princesa. "Mamãe, que era bem mais nova, chamava Seu Eije e nós de papai", recordou Ítalo.

■ A promessa dos "Franciscos"

Dez anos haviam se passado desde o casamento de Eije e Marly e o casal ainda não tinha filhos. "Minha mãe era muito católica e os dois fizeram uma promessa. Se ela conseguisse engravidar, todos os filhos seriam Francisco", afirmou o filho primogênito. E foram mesmo. Ítalo foi o primeiro, nascido em 1948 e batizado Francisco Ítalo Kumamoto. Em 1950, nasceu Francisco Gilson. Em 1953, veio ao mundo Maria do Carmo, que todos chamam de Eire. Os três são médicos. Por último, em 1955, chegou Francisco Helder Kumamoto, formado em Direito e Educação Física. Todos são filhos de Princesa Isabel.

Foto: Arquivo da família



Eije foi correspondente de guerra durante a Guerra de Princesa



Arte: Tônio

Nelson Coelho

Polêmico no jornalismo e premiado na literatura

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@uip@gmail.com

O jornalista, advogado, escritor e historiador Nelson Coelho da Silva nasceu em Santa Luzia, no Vale do Sabugi (PB), em 31 de dezembro de 1942. E morreu no dia 9 de agosto de 2018, em João Pessoa, onde exerceu a maior parte de suas atividades profissionais. O laudo expedido pela equipe médica do Hospital da Unimed identificou a causa da morte como câncer pulmonar. Ele era considerado um homem dedicado às letras, por causa de seus trabalhos literários e jornalísticos. Foi diretor técnico e superintendente de A União em duas ocasiões, quando implantou serviços elogiáveis como um posto médico, além da melhoria na operacionalidade gráfica e da redação do diário.

Nelson Coelho atuou na capital paraibana como articulador de programas políticos nas Rádios Arapuan e Correio da Paraíba. Fazia o mesmo aos sábados, na Rádio Cultura, em Guarabira, cidade localizada a 98 km de João Pessoa. Era um homem profissionalmente impulsivo, inteligente e tão arrojado em seu estilo de escrever que teve seu livro "Esquina do Tempo" prefaciado pelo destacado jornalista Villas-Boas Corrêa. Literariamente ousado e estratégico, disputou a cadeira de nº 35 da Academia Paraibana de Letras (APL), que pertenceu ao escritor Ariano Suassuna. Além disso, também foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

De acordo com o jornalista José Nunes, Nelson Coelho se tornou nacionalmente conhecido ao receber a medalha João Ribeiro, uma honraria elevada que também agraciou romancistas e editores famosos do Brasil, a exemplo de Graciliano Ramos e José Olympio.

Jornalismo político

No jornalismo político, Nelson ingressou em 1987 e foi, depois, assessor dos governadores Tarcísio Burity e Ronaldo Cunha Lima. Ele planejava, em A União, editar um livro sobre a capacidade cúbica das barragens públicas da Paraíba e formar um núcleo de colaboradores capaz de produzir matérias imparciais e diferenciadas.

Perspicaz e eficiente, Nelson tinha olho de águia na escolha do repórter para determinadas missões: "Esta daqui é a cara de Hilton, manda ele", disse certa vez ao editor João Evangelista, que elaborou uma pauta sobre o dia-a-dia do Ponto de Cem Réis.

Reconhecia também a habilidade dos fotógrafos. "Natureza e indivíduos é com David; foto perigosa e dissimulada, manda Ortilo; e quando se tratar de foto artística sobre qualquer coisa, o homem é Marcos Russo", costumava dizer. E assim ele encontrava saída para tudo. Essa característica era marcante também em outros campos de sua atuação. Até quando foi exportador de abacaxi, por exemplo, esteve em muitos países, inclusive na Argentina, promovendo a venda desta fruta que, na época, colocava a Paraíba no primeiro lugar no ranking da produção mundial.

Legado

O filho de Nelson Coelho, George Porciúncula Pereira Coelho, que é atualmente prefeito de Sobrado (PB), ressaltou que o pai deixou um legado especial para o Jornalismo por escrever de forma isenta e só visar o melhor para as empresas que dirigiu, a exemplo do Jornal A União.

"Ele representou a Antonio Fanzetti, uma empresa argentina exportadora de abacaxi, com escritório em São Paulo, mas seu forte mesmo sempre foram o jornalismo e a literatura, onde foi mito criativo",

afirmou o filho. Segundo George, seu pai nunca influenciou na carreira de nenhum dos quatro filhos, sendo um já falecido. Por outro lado, por ser polêmico, Nelson ainda arranhou algumas inimizadas, mas nada que fosse prejudicial à segurança física, nem profissional.

Um dos livros mais polêmicos que Nelson escreveu foi "Do Campestre ao Gulliver". A obra trata da briga política entre os ex-governadores Ronaldo Cunha Lima e José Maranhão, devido a denúncias deste último, que resultaram na cassação do mandato de governador de Cássio Cunha Lima, filho de Ronaldo.



Foto: Arquivo do Jornal A União

Nelson foi diretor técnico e superintendente de A União em duas ocasiões e implementou melhorias na qualidade gráfica dos produtos da empresa

Ele planejava, em A União, editar um livro sobre a capacidade cúbica das barragens públicas da Paraíba

Informações privilegiadas de fontes confiáveis

"Ele tinha uma aparência leonina que realçava sua cabeleira grisalha, a altura e o vazeirão", publicou o escritor Palmari Lucena, num depoimento feito ao site PB-Agora, no dia 10 de agosto de 2018. "Este jornalista, além de combativo e polêmico, às vezes assumia um temperamento mercurial, ao escrever suas narrativas e opiniões políticas", ainda relatou.

Palmari conheceu Nelson na boca de um caixa eletrônico, quando o jornalista se apresentou a ele. Nelson era amigo do folclorista e músico Tenente Lucena, pai de Palmari, que frisou uma particularidade do jornalista: "Ele possuía a desenvoltura e familiaridade dos políticos em campanha, quando apertava a mão de quem estava para conhecer".

O jornalista Villas-Boas Corrêa, em seus relatos, também parecia ver em Nelson "um modelo de novo repórter no Brasil". Outros elogios também vieram do ex-governador José Maranhão. Ele fez homenagem póstuma ao jornalista-escritor, opinando em sites como WSCom e PB-Agora e disse que "o jornalismo paraibano herdou uma lacuna quase insubstituível, por causa de seu inusitado estilo de escrever", pontuou.

Nelson chegou a criar, no Jornal A União, a série dominical Memória Política. O jornalista Jorge Rezende lembrou a importância da iniciativa.



Foto: Arquivo do Jornal A União

Além de jornalista, Nelson Coelho (esq.) foi também auxiliar dos governos Pedro Gondim e João Agripino

"Nesta série, ele definia os personagens da política a serem entrevistados. Então, eu fazia as entrevistas acompanhado de um âncora. Na vez em que entrevistei o advogado e historiador Joacil de Brito, o âncora foi o ex-governador Dorgival Terceiro Neto e isto foi uma grande inovação no jornalismo paraibano", descreveu.

Rezende destaca que Nelson sabia cobrar sem chatear, mas era exigente no cumprimento da missão que confiava aos subordinados. "Seu lado

bom no jornalismo era o que todo repórter sonha: ter informações privilegiadas oriundas de fontes confiáveis e de ser bem relacionado com os políticos", afirmou.

No tempo do superintendente Rui Leitão, Nelson era diretor-técnico. E, segundo Rezende, ele desenvolveu um trabalho de fôlego para propiciar melhor salário e condição de trabalho para os servidores. "Sempre me dei bem com ele e nunca, nem por um triz, chegamos a nos chocar", recordou.

SAIBA MAIS...

■ **Formação** – Nelson iniciou seus estudos primários em Santa Luzia, com as mestras Afra Nóbrega, Maria Lucena de Araújo e Eurídice Rocha França. Com o aprendizado junto a elas, o jornalista adquiriu conhecimentos para prestar o Exame de Admissão e, depois, concluir o ginásio no Colégio Diocesano de Patos. Em João Pessoa, ele fez o Técnico em Contabilidade no Colégio Getúlio Vargas (1977) e se formou em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Paraíba (1982).
■ **Trajetória política e gestão** – Sua trajetória profissional na área política começou em 1961, no Governo de Pedro Gondim, quando alçou ao cargo de Oficial de Gabinete. Na gestão de João Agripino, foi administrador da Penitenciária Modelo Estadual – atual Presídio do Roger – e Assessor Geral da Secretaria do Interior e Justiça, na gestão de Jacob Frantz. Durante dez anos, atuou ainda como assessor do Núcleo de Promoção de Exportações da Paraíba (Promoexport -PB). Por duas vezes foi ainda secretário da Prefeitura de Sapé (1976-77 e 1983-87), município que fica a 54 Km da capital paraibana.

TESTEMUNHO

■ "Conheci Nelson na década de 1970, em Sapé, como assessor do prefeito-interventor Dioclécio Moura, mais tarde superintendente do União. No último governo de José Maranhão – após o afastamento de seu antecessor Cássio Cunha Lima – Nelson volta para a União como superintendente. Confiou a mim e ao fotógrafo Ortilo Antonio a missão de fotografar e levantar a capacidade cúbica das barragens paraibanas. Seu plano era transformar tudo em livro. Este projeto saiu da redação, foi cumprido, mas não resultou em livro. Tivemos um desentendimento profissional, mas ele não levou em conta: encontrou-me, tempos depois, na sala de emergência de um hospital público, com uma crise de bursite. Estava esperando atendimento há horas. Nelson foi interveio e, de repente, cinco médicos vieram me atender. Sobre isso revés, nem focou no assunto. Foi a última vez que o encontrei vivo". (Hilton Gouvea)

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Veículo de comunicação deve assinar release?

Profissional que escreveu um release deve ter seu nome nos créditos da matéria? Todo texto tem pai e mãe — como afirmou um colega jornalista? Há alguns dias estou com isso na mente (após uma discussão sobre o tema em um grupo de WhatsApp) e decidi escrever sobre o que penso.

A quem não é da área de comunicação social, uma explicação: release é um "texto informativo distribuído à imprensa (escrita, falada ou televisada) por uma instituição privada, governamental etc., para ser divulgado gratuitamente entre as notícias publicadas pelo veículo". O trecho entre aspas foi extraído do Dicionário de Comunicação, de Carlos Alberto Rabaça & Gustavo Barbosa. A minha edição é de 1995, já está bem gasta (quem me acompanha por aqui sabe que adoro dicionários) e com a lombada pedindo arrego, mas continua muito útil.

Um exemplo da atualidade da obra é que Rabaça já apontava, na década de 1990, que release é um complemento de informações, um roteiro, uma ferramenta para auxi-

liar o trabalho dos jornalistas, não um produto que deva ser publicado da forma como chega às redações. "É a notícia do ponto de vista da instigação e, por isso, o seu valor jornalístico é relativo (depende de um tratamento adequado, se possível enriquecido com novos dados apurados pelo repórter)".

Infelizmente, devido a fatores diversos, há tempos o release virou obra pronta. Produto que já chega para ser exposto diretamente na gôndola da vitrine informativa. Praticamente, quase tudo é publicado e, muitas vezes, sem ouvir o outro lado da história (e olha que há histórias que são verdadeiros poliedros com sete faces...). Alguém pode argumentar: mais um motivo então para que o release seja assinado; quem escreveu que responda pelos seus atos perante a lei em caso de problemas.

Não é bem assim. Se o release, originalmente, funciona como uma sugestão de pauta, um chamariz para que o jornalista se desdobre sobre o assunto, o profissional (agência de comunicação/órgão público) que enviou o texto de divul-



Foto: Pixabay

gação tem responsabilidade sobre o que produziu, claro, mas não pelo que foi divulgado por esse ou aquele veículo. Release é um produto; a matéria jornalística é outro.

Avaliando a partir de um suposto padrão estético, entendo que release não é obra-prima, é matéria-prima para o jornalismo — ou não. Release não é obra de arte (com aura, portanto), para que precise ter a assinatura do autor exposta e valorizada; é um objeto feito em série, uma mercadoria ordinária. Aqui, para evitar discussões desnecessárias, recorro novamente a um dicionário. Ordinário, no caso em questão, significa "comum, banal".

No livro O Kitsch, Abraham Moles apresenta a distinção entre criar x produzir, que me parece muito apropriada ao debate sobre o release necessitar de

assinatura ou não, quando veiculado pela mídia. Criar, ensina Moles, é introduzir no mundo formas que não existiam; é a invenção do artista/inventor, que é produtor de formas ou mensagens únicas, ou em número restrito. Já produzir, ainda conforme Moles, é copiar um modelo já existente de maneira mais ou menos automatizada, reproduzindo indefinidamente as mesmas formas.

Para mim, os releases se enquadram nessa segunda categoria. Quem aqui não sabe de cor e salteado o padrão da maioria dos releases que chegam às redações? Sim, são textos feitos em série e, retomando o que já foi dito antes, produzidos (não criados, registre-se aí) para chamar a atenção dos jornalistas para determinado tema ou acontecimento.

EM TEMPO: ao ser elaborado para envio à imprensa, um release deve conter a assinatura do profissional ou identificação da agência de comunicação que o produziu, além de todos os dados de contato (telefone, e-mail, redes sociais etc.), mas apenas para que o jornalista saiba a quem se reportar, caso se interesse pelo que foi divulgado e deseje mais informações sobre o que está no texto. Agora, tal assinatura não deve sair na matéria veiculada pela mídia. É como penso. Enfim, esse tema rende bem e vou retomá-lo em breve, pontuando o que diz a legislação sobre release x direito autoral.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Orlando Silva - o cantor das multidões

Falecia no dia 7 de agosto de 1978, aos 63 anos de idade, vítima de uma isquemia cerebral. Com sua morte encerrava-se a história da mais bela voz do cancionero popular. Orlando Silva foi sem dúvida nenhuma o maior cantor da nossa música popular brasileira de todos os tempos. No período entre 1935 a 1943, foi o maior cantor de massa que surgiu no Brasil.

Esta é a história de uma voz. Não de uma voz comum, dessas que em todas as épocas e em todo mundo interpretam o sentimento poético e musical dos povos. Dessas que, a partir do advento da gravação sonora e do rádio, no amanhecer do século XX, invadem todos os ouvidos pelos múltiplos canais de comunicação postos à disposição do ser humano.

É a lenda de uma bela voz. Talvez a mais bela que o cancionero popular já utilizou, quaisquer que sejam os idiomas em que foram timbradas. Uma voz que, talvez, por ter sido tão especialmente bela, não conseguiu durar mais do que o tempo equivalente a uma breve infância biológica. Exatos oito anos mais seis meses.

Esta é a história da voz de Orlando Silva (1915-1978), no período profissional do cantor a sua estreia no disco, em junho de 1935, a sua última gravação, em dezembro de 1943, antes de perder o privilegiado vocal que fez dele o primeiro ídolo de massa da música popular no mundo, o "Cantor das multidões".

Orlando Silva nasceu na Rua General Clarindo, no bairro do Engenho de Dentro, subúrbio carioca. Filho de Balbina Garcia e seu pai José Celestino da Silva, era violinista e participou de uma das formações do conjunto

de Pixinguinha "Os Oito Batutas", animando serenatas, peixadas e feijoadas. José Celestino não viajando para o exterior com o conjunto, porque na época já era pai de três filhos. Orlando Silva teve cinco irmãos, mas foi o único com vocação musical.

Em todas as apresentações de escola, Orlando era convocado a cantar, o que fazia escondido por sua grande timidez. Quando voltava do colégio, subia em um pé de amoras e passava horas cantando, atendendo a pedidos dos vizinhos. Certa vez em um dos domingos de outono na Festa da Penha, ainda de calças curtas, começou a cantar e o lugar passou a ser procurado "por ser aquele onde se apresentava aquele menino". Orlando Silva viveu por três anos neste ambiente, quando, então, seu pai faleceu da gripe espanhola.

Teve uma infância normal, sempre gostando muito de violão. Na adolescência já era fã de Carlos Galhardo e Francisco Alves, este último um dos responsáveis por seu sucesso. Seu primeiro emprego foi de estafeta da Western, com o salário de 3,50 cruzeiros por dia, trabalhou também como entregador de marmitas.

Foi então para o comércio: operário de uma fábrica de cerâmica, aprendiz de cortador na fábrica de calçados Bordalo, situada na esquina da Rua Buenos Ayres, vendedor de tecidos, entregador de encomendas da casa Reunier. Quando estava nesta função, sofreu um acidente ao tentar entrar no bonde em movimento, que lhe causou a perda dos quatro primeiros dedos dos pés e transtornos para o resto da vida. Acredita-se que surgiu nesta época seu envolvimento com

a morfina, droga utilizada para acalmar a intensa dor causada pela amputação dos dedos. Tendo um dos seus pés parcialmente amputado, ficou um ano inativo, lhe trazendo sérios problemas financeiros, já que sustentava a família.

Após seu restabelecimento, foi trocador de ônibus, uma das poucas funções que podia desempenhar sentado. Por sugestão do motorista do ônibus, o português Conceição, se apresentou em um circo que estava em frente à empresa. O filho do dono da empresa, José Correia Lopes (Zezé), impressionado com a voz do cantor tirou-o do ônibus, passando-o para os serviços de escritório.

Seu irmão, Edmundo, grande incentivador de sua carreira, fez com que ele fosse à Rádio Cajuti. Na Cajuti, ensaiou com o violinista Brito, preparando números para apresentar à Bevilacqua, o diretor da rádio. Depois de três, quatro tentativas de encontrar o diretor, numa das vezes foi ouvido pelo compositor Bororó, que o levou ao Café Nice para apresentá-lo a Francisco Alves. Foram até o carro de Chico Alves, e começou a cantar um samba de Ary Barroso. Em seguida cantou a valsa "Mimi" do compositor Uriel Lourival. Entusiasmado, Chico Alves marcou um teste na Rádio Guanabara, para ouvi-lo ao microfone. O sucesso foi enorme, e Francisco Alves o convidou a estreitar em seu programa.

Em 1940, já no auge da fama, iniciou uma grande história de amor com a atriz Zezé Fonseca, relacionamento turbulento que perdurou até aproximadamente 1943. Acredita-se que por essa época o cantor tenha voltado a utilizar a morfina, comprometendo assim sua bela voz e carreira artística. Em 1947, uniu-se a Maria de Lourdes, com quem viveu harmoniosamente até seus últimos dias. Maria de Lourdes faleceu em 1993.

Foi Bororó, conforme o próprio relata no filme "O cantor das multidões" que o apresentou a Francisco Alves, que ouviu Orlando Silva cantar no interior de seu carro, decidindo imediatamente lançá-lo em seu programa na Rádio Cajuti. Nos

seus sete anos seguintes, tornou-se um grande sucesso, considerado por muitos a mais bela voz do Brasil, contando inclusive com a estima do próprio presidente Getúlio Vargas, que dizia "Eu gostaria de ter a popularidade do Orlando Silva". Orlando Silva atraía os fãs de tal forma que o locutor Oduvaldo Cozzi passou a apresentá-lo como o "Cantor das multidões", conforme relata o filme com o mesmo nome.

Nenhum outro cantor em toda a história da mpb alcançou tanta glória e respeito do que o cantor Orlando Silva. Os maiores clássicos da mpb gravados por Orlando que ainda hoje são regravados numa demonstração que faleceu o cantor, mais sua glória de cancionero popular se perpetua, tornando-se imbatível até os dias atuais. No tocante a afirmativa de que foi a mais bela voz do Brasil, quicá a mais bela do mundo, porque essa afirmativa vem do maior tenor da época Tito Scarpa "menino eu nunca ouvi uma voz tão bela, para mim sua voz é uma das mais belas vozes do mundo".

Uma voz que resplandeceu com um espírito mitológico do ar, que surge do nada, para por um curto tempo entre os mortais, encantando e embriagando com sua magia, para logo desaparecer numa bruma tão misteriosa quanto o relâmpago que o fez surgir.

Uma voz que invadiu o panorama musical brasileiro com uma força avassaladora, arrebatando multidões de apaixonados admiradores de todas as idades, sexos e condições sociais, e que impregnou com inigualável influência milhares de cantores das gerações que se sucederam, de profissionais de grande valor a seresteiros despretensiosos e anônimos, com as formulas revolucionárias do virtuosismo técnico inovador que introduziu na arte do canto, e o exemplo do seu timbre vocal de beleza incomparável.

Com a morte do cantor as multidões fechou-se um ciclo glorioso da mpb, nunca mais alcançado por nenhum outro cantor ou cantora que o sucederam.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es



Foto: Unsplash

QUENTINHAS

- O Restaurante Dom Macedo delivery no segmento da culinária brasileira com um toque da cozinha italiana com seu sabor de ervas e molho caseiro especial tem um sabor próprio. Tudo feito com muito amor e carinho pelo chef Edivaldo Macedo. Seu Instagram @dommacedojpgastronomia ou contato: Tel 99869-8489
- Hamburgueria delivery chamada PB Burger, um local com sabor próprio de carne suculenta e um delicioso molho de cebola caramelizada, mas para isso você terá que fazer uma visita ao seu Instagram @pbburgeroficial ou pelo contato: Tel 99698-4513
- Dar uma secada no corpo com saúde e praticidade. Essa é a proposta do Slim Day JP. Com kits detox, sem gluten e lactose, chás gelados e drinks com colágeno, a empresa dá aquele empurrãozinho para o início da dieta e promete perda de até 2kg. Vale a pena explorar o seu Instagram (@slimdayjp) e se informar.
- A Confraria da Lapada da Paraíba está com todo pique nesta pandemia. Todas as quintas-feiras, às 19h30, no Instagram @confraria_da_lapada, serão realizadas lives com produtores de cachaças da Paraíba e demais regiões do país, e também criou um canal no YouTube com conteúdo sobre cachaça. Os vídeos são semanais e eu fui convidado para fazer delícias com a bebida nacional no quadro Sabores e Cachaça.

Segurança alimentar nos restaurantes

Até a presente data não tive coragem de ir a nenhum restaurante depois do novo normal. Tenho visto em alguns, ou por fotos em redes sociais, ou por simplesmente passar na frente a falta e utensílios obrigatórios para o trabalho no novo normal.

E é uma coisa bastante complicada, pois se você não começar a mostrar às pessoas que seu trabalho está sendo correto, como você irá exigir que eles façam o mesmo?

Esta semana passei em um espetinho/boteco localizado na mesma rua que moro. Parei o veículo na frente e comecei a prestar atenção tanto nos frequentadores como nos funcionários que ali trabalham. A única mudança é a máscara no rosto que é puxada para um lado e para o outro. É nítido que não houve um treina-

mento nem um investimento de material para os funcionários como luvas, máscaras de proteção facial de plástico e aquelas de uso normal que é para ser trocada a cada três horas.

E sem falar que a aglomeração está liberada, mesas coladas, pessoas sem máscaras. E quando o álcool vai entrando a coisa vai ficando pior, pois esquecem e vão ao sanitário sem máscaras, o proprietário ou gerente não reclama, pois irão perder os clientes. E a fiscalização da prefeitura é zero!

Voltando ao velho barzinho, sem contar aquele velho paninho limpa tudo que vem junto de brinde aquela covid, pois é o mesmo que é passado em todos os momentos e em todas as mesas.

Na verdade, até na calçadinha da praia as coisas estão sérias, cheguei a presenciar guarda municipais e PMS sem máscaras.

Todos se prepararam para reabrir seus negócios, mas sem o principal que seria um treinamento que pudesse capacitar seus funcionários de como abordar um cliente sem máscara, não usar o velho vício do paninho da mesa, e os equipamentos adequados para fazer o trabalho bem feito e garantir a segurança de todos, principalmente, dos funcionários.

A abertura era fundamental, mas não da forma como foi feita.

Os órgãos fiscalizadores eram para ter ido nos pontos específicos verificar o que estava sendo feito, como também fiscalizar hoje e multar e chegar até a fechar, dependendo da gravidade.

Hoje existem lugares que no começo foi tudo perfeito, mas agora parece que a pandemia acabou e que não existe mais mortes no Brasil.

Que venha logo essa vacina tão esperada seja lá de onde for.

PRATO DO DIA

Fritada com purê de inhame

Modo de preparo

- 3 ovos
- 1 colher de sopa de azeite
- 2 colheres de sopa de flocos de aveia

- Sal e pimenta do reino a gosto
- 04 colheres de sopa de leite
- 1 colher de granola
- Acompanha purê de inhame

Modo de preparo

Em um reservatório, quebre os ovos e bata bem com um garfo, e em seguida acrescente o restante dos ingredientes, menos o azeite.

Em seguida, em uma frigideira salter, acrescente o azeite, esquentando um pouco e coloque a mistura que foi batida. Deixar assar por 5 minutos de

cada lado e servir com purê de inhame. Igual ao da fotografia!



Foto: Arquivo pessoal

PITADAS A GOSTO

Por conta da semelhança entre os dois, há quem confunda o inhame com o cará. Afinal, ambos fazem parte da mesma família de legumes e são muito difíceis de diferenciar. Mas é importante destacar que eles têm diferenças bem relevantes, tanto na aparência quanto em termos nutritivos.

Uma das principais diferenças é que o inhame tem quase o dobro de potássio, mineral fundamental para o organismo. Essa substância é importante para o ganho de massa muscular, além de evitar câibras. Além disso, o potássio também ajuda a prevenir doenças cardiovasculares e atua como regulador do metabolismo.

Em comum ainda o fato que ambos são ricos em ferro, que é fundamental na hemoglobina e responsável pelo transporte de oxigênio no organismo. Quando está em falta, essa substância pode causar anemia e outros problemas de saúde.